Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

Renato Passos Raiol da Conceição

Jovens do Rock: processos de sociabilidade e educação a partir da influência do estilo musical Rock.

Belém
2017

Renato Passos Raiol da Conceição

Jovens do Rock: processos de sociabilidade e educação a partir da influência do estilo musical Rock.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade do Estado do Pará. Orientador: Prof. Ms. Leopoldo Santana Nogueira Junior.

Belém

2017

RENATO PASSOS RAIOL DA CONCEIÇÃO

Jovens do Rock: processos de sociabilidade e educação a partir da influência do estilo musical Rock.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau do curso de Licenciatura plena em Pedagogia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará.

Data de aprovação: ___/___/_____

Banca Examinadora

_____

Prof. MS. Leopoldo Nogueira Santana Júnior

_____

Prof. Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Ao meu orientador Prof. Ms. Leopoldo Nogueira Santana Júnior, que eu não teria conhecido graças a Prof.ª Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo, que me ajudou a chegar num objeto de pesquisa, que fez adentrar dentro do universo da pesquisa, através do grupo de pesquisa JEDS (Juventude Educação e Sociabilidades) obrigado pelo suporte no pouco tempo que lhes couberam, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, principalmente minha mãe, que ouvia meus desabafos acerca da universidade quase todas as noites durante 4 anos, me dando forças e energias positivas para continuar.

Ao meu amigo Matheus Oliveira, que conheci ao adentrar na universidade, o qual me ajudou a seguir cambaleando no início, mas chegando firme e forte no final desses 4 anos de curso, que não foram fáceis, sendo em momentos difíceis com relação a universidade ou pessoais, ele sempre esteve ali para me ajudar e seguir nessa jornada, que não foi fácil para nós dois, também compartilhamos de momentos de comemoração e felicidade.

A minhas amigas Amanda Magalhães, sempre marcando presença nos momentos de diversão e zoeira, mas sempre mantendo uma postura séria em relação aos trabalhos, a Juliana Gomes, sempre com o ar de responsabilidade e dedicação ao curso, me mostrava o porquê de estarmos naquela sala de aula, que era para nos tornarmos futuros profissionais capacitados e capaz de fazer qualquer coisa e a Julliana Viana, que sempre estava ali para me dá um abraço e me fazer rir também, onde mostrava que dentro desse nosso grupo éramos todos importantes.

A Hamanda Pontes, que mostra todos os dias o amor que um pesquisador tem por aquilo que ele faz, que é algo difícil, mas dá gosto quando se obtém um resultado positivo e é reconhecido pela comunidade acadêmica.

A Márcia Almeida, minha namorada, que me ajudou a não pirar enquanto fazia esse TCC, falando que tudo ia dar certo, que já ia acabar, que

eu tinha capacidade o suficiente para fazer este trabalho e sempre estava me mandando energias positivas e me fazendo companhia todos os dias.

E a todos os demais que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigado.

RESUMO

O estudo intitulado “Jovens do Rock: processos de sociabilidade e educação a partir da influência do estilo musical Rock” pauta-se na breve análise da trajetória dos conceitos que giram em torno da temática juventude, realizou-se um estudo sobre como se fazem os processos de sociabilidade e educação, que são influenciados pelo o estilo musical Rock, onde esses jovens são integrantes de bandas de Rock, da cidade de Belém do Pará. Possuindo como objetivo: compreender o modo de ser do jovem ligado ao estilo musical do Rock, sua sociabilidade, formação de identidade e a influência em sua educação. E como objetivos específicos: identificar o que é ser jovem no cenário do Rock na cena musical de Belém; entender suas estratégias de socialização com os demais grupos sociais ligados a outros estilos musicais e analisar os jovens ligados ao Rock e sua relação com a educação informal. Realizou-se uma pesquisa de campo, com uma abordagem qualitativa, de enfoque fenomenológico pois se estudou o fenômeno da juventude e o Rock. Para fundamentar minha pesquisa utilizo de fontes bibliográficas que destaco entre elas Feixa; Leccardi (2010), Weller (2009, 2010), Dayrell (2002, 2003 E 2007), Carrano (2000), Guimarães; Duarte (2011) Pais (1990, 2009). Que fazem uma abordagem dos conceitos que giram em torno da juventude, foram sujeitos da investigação jovens músicos, vinculados as bandas de Rock, na faixa etária de 18 a 29 anos, no qual utilizei a entrevista narrativa, me baseando em Jovchelovitch; Bauer (2002). Para a análise de dados, ainda uso como base a entrevista narrativa, relacionando as falas dos jovens com os teóricos citados. Os resultados evidenciaram que juventude, é um campo que necessita estar sendo investigado pela academia, para se manter, de certa forma atualizado, sobre o que é ser jovem, pois, esse modo de ser está mudando cada vez mais rápido, pois, ela não tem uma conceituação única, ela é um fruto de diversos fatores e que o olhar que o jovem tem sobre o Rock, que não é somente um estilo musical utilizado para protesto ou lazer, que é julgado como o “som da rebeldia”, mais sim algo que também os une e gera processos de sociabilidades, dentro dos espaços que os mesmos frequentam e que gera um processo de educacional, através de suas trocas de conhecimentos, com jovens da mesma geração ou de outras.

Palavras-chave: Juventude. Rock. Espaços de Sociabilidade.

Abstract

The study entitled "Young people of Rock: processes of sociability and education based on the influence of the Rock musical style" is based on the brief analysis of the trajectory of the concepts that revolve around the youth theme, a study was carried out on how the processes of sociability and education that are influenced by the Rock musical style, where these youngsters are members of Rock bands from the city of Belém do Pará. Their aim is to understand the way of being of young people linked to the musical style of Rock, their sociability, identity formation and influence in their informal education. And as specific objectives: to identify what it is to be young in the scene of Rock in the musical scene of Bethlehem; understand their strategies of socialization with other social groups linked to other musical styles and analyze the young people associated with Rock and its relationship with formal education. A field research was carried out, with a qualitative approach, of a phenomenological approach since the phenomenon of youth and Rock was studied. To base my research I use bibliographic sources that highlight among them Feixa; Leccardi (2010), Weller (2009, 2010), Dayrell (2002, 2003 E 2007), Carrano (2000), Guimarães; Duarte (2011) Parents (1990, 2009). Who make an approach to the concepts that revolve around the youth, were subjects of the investigation young musicians, linked the bands of Rock, in the age group of 18 to 29 years, in which I used the narrative interview, based on Jovchelovitch; Bauer (2002). For the analysis of data, I still use as basis the narrative interview, relating the lines of the young people with the mentioned theorists. The results showed that youth, a field that needs to be investigated by the academy, to keep up, in an updated way, about what it is to be young, because, this way of being is changing faster and faster, because it does not has a unique conceptualization, it is a result of many factors and that the young man's look at Rock, which is not only a musical style used for protest or leisure, is judged as the "sound of rebellion", but something more that also unites them and generates processes of sociability, within the spaces that they attend and that generates an educational process, through their exchanges of knowledge, with young people of the same generation or others.

Keywords: Youth. Rock. Sociability spaces.

Sumário

INTRODUÇÃO..... 8

CAPÍTULO 1: JUVENTUDE: UMA ABORDAGEM SOBRE SUA TRAJETÓRIA E SEUS CONCEITOS **15**

1.1. UM POUCO SOBRE *GERAÇÃO*.....15

1.2. SOCIABILIDADES E CULTURA JUVENIL..... 20

CAPÍTULO 2: BREVE HISTORICO DO ROCK (1950 – 1970)..... **27**

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS... ..... **36**

3.1. DESAFIOS DA PESQUISA.....42

CAPÍTULO 4: FILHOS DE UMA *LEGIÃO*......**45**

4.1. ESPAÇOS DE SOCIABILIDADS E EDUCAÇÃO.....45

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**55**

REFERÊNCIAS **58**

APÊNDICE **61**

INTRODUÇÃO

Para a construção da pesquisa, leva-se em consideração que a juventude é um conceito que apresenta várias formas de ser vista partindo de uma visão sobre faixa etária já que “os dados sobre os setores jovens da população tendem a ampliar a faixa etária desse segmento que, nas pesquisas demográficas brasileiras, passa a englobar aqueles que têm até 24 anos” (DEBERT, 2010, p. 51), mas nesse trabalho será estendida até 29 anos com base na Organização das Nações Unidas (ONU).

A juventude também é vista como uma fase da vida que se dá:

> como uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias económicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo (PAIS, 1990, p. 146)

Tais perspectivas que tentam reduzir a significação do que é “ser jovem”, conceitos que fazem uma certa ocultação dos papéis destes sujeitos dentro da sociedade.

A partir dessas afirmações a pesquisa, identifica as diferentes definições de juventude que levam esses sujeitos a serem vistos como alguém que existe de forma material, mas que ainda vai ser outro alguém, que seria o adulto, o que acaba caindo no conceito de fase de vida.

Através disso, realiza-se um estudo sobre como se fazem os processos de sociabilidade e educação, que são influenciados pelo o estilo musical Rock, onde essas pessoas são jovens de uma banda de Rock, da cidade de Belém do Pará, a pesquisa se realiza no ano de 2017.

Mesmo a juventude sendo vista como uma fase de vida numa visão do senso comum, há a necessidade de entender suas formas de sociabilidades em espaços institucionais e em seus espaços frequentados no tempo livre como festas, locais de diversão e a própria casa, que acabam interagindo com sujeitos de fases de vida diferentes e com culturas diferentes, especialmente com outros jovens, estes sendo com valores, comportamentos e estilos

diferentes dos que circulam no mundo adulto e a sociedade tenta ofuscar o jovem de que ele é um ser formador de opinião, por ele ser visto com um ser em mudança.

Busco entender como o jovem que usa da cultura gerada do estilo musical Rock faz suas sociabilidades e vê a educação, já que a juventude é formada por diversos fatores que a torna algo plural e não único, conceito que será melhor trabalhado durante o trabalho.

O Rock que começa a entrar em contato com a juventude, na década de 50, uma época em que o estilo musical do Pop[1] era muito forte, conseguia entrar em contato com as novas coisas que surgiam em sua sociedade, no caso esse novo ritmo musical para época, destaca-se que:

> Ao mesmo tempo que a música pop das paradas de sucesso dominava o mainstream musical americano em meados dos anos 50, os jovens tinham a oportunidade de escutar uma nova e vibrante música underground chamada de rock and roll (FRIEDLANDER,2002, p. 23)

A juventude que vem se formando após o Rock se firmar dentro da sociedade, vem mantendo o significado da forma de se vestir, agir e os símbolos que o estilo usava ou vem resignificando esses elementos ligados ao estilo musical.

O desejo do estudo surgiu a partir da minha entrada no grupo de pesquisa Juventude Educação e Sociabilidades (JEDS), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no ano de 2014. As discussões feitas no grupo me fizeram despertar um interesse maior para os estudos com os jovens e a música, já que eu sinto uma grande afinidade por música e acabei interligando as duas coisas para o estudo. Assim acabei me aproximando mais e mais da área do estudo da juventude comparecendo as sessões de estudo do grupo e debatendo mais sobre o assunto.

No grupo de pesquisa adentrei no universo da pesquisa sobre juventude em que alguns autores problematizam o tema como a juventude ainda ser vista como algo meramente passageiro para a sociedade, já que:

[1] O pop (de popular) é aquela música que tem um pouco de tudo, agrega todo mundo e arrasta multidões.

> nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente (DAYRELL, 2003, p. 40).

Essa forma de ver a juventude cotidianamente, acaba distorcendo o modo que ela deveria ser vista, como uma parcela formadora de opiniões, culturas e novos saberes. Isso fez com que eu fosse levado a estudar mais sobre a temática, pois no Brasil há um grande número de jovens se formos considerar a relação com a faixa etária:

> Os jovens ocupam, hoje, um quarto da população do País. Isso significa 51,3 milhões de jovens de 15 a 29 anos vivendo, atualmente, no Brasil, sendo 84,8 % nas cidades e 15,2 % no campo. A pesquisa mostra que 53,5% dos jovens de 15 a 29 anos trabalham, 36% estudam e 22, 8% trabalham e estudam simultaneamente. Os dados são do Censo 2010, último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TRABALHADORES EM TRANSPORTE E LOGÍSTICA, 2014).

Mas não é só a faixa etária que determina a juventude, o contexto histórico, social, econômico, cultural e político, vai influenciar sobre a juventude e na sua formação como tal.

Ligar a juventude com o Rock é algo praticamente inevitável, é visto como duas coisas que não ficam sozinhas, porque é visto pela sociedade como “o som da rebeldia. O Rock vinha ao encontro com o que já era comum na sua época por isso é visto como algo rebelde. Como jovem percebo que o Rock não seria esse “som”, mas algo que traz em si um significado, é uma arte que é usada para expressar, mostrar o ponto de vista e jeito de pensar sobre as coisas, protestar contra algo que não está certo. Assim como pode ser usado como uma forma de lazer, passatempo ou como um *hobbie*.

Trago desde infância a relação com o Rock, quando meu irmão ouvia seus CDs e assistia seus DVDs das bandas *Slipknot, AC/DC, Metallica, Iron Mainden, Linkin Park, Sepultura* e de muitas bandas já bem conhecidas. Porém, no início não gostava do estilo, mas com o tempo a relação com ele mudou, comecei a ouvir o Rock de outra forma, não era apenas o som das guitarras distorcidas, a bateria rápida e agressiva e os guturais do vocal. Passei a entender mais sobre o Rock como arte e ferramenta de expressão, tanto que

comecei a aprender a tocar violão e depois guitarra, só para poder tocar os solos dos grandes guitarristas que tivemos e ainda temos nessa trajetória do Rock, mas não toco muito bem esses instrumentos por falta de um estudo mais aprofundado que espero poder aprimorar mais com o tempo.

A partir da minha entrada no grupo de pesquisa JEDS, busquei entender mais sobre a relação juventude e música. Entrei em contato com textos que falavam de jovens e o estilo musical Funk e Rap. Por eu gostar de Rock procurei, senti uma necessidade de conhecer mais sobre os jovens que se ligam com o estilo, como é a interação deles com a sociedade.

Em relação com a educação formal escolar, já que para alguns jovens “a escola se realiza como uma provação, uma “chatice necessária” para um credenciamento que tem um peso relativo no mercado de trabalho” (DAYRELL, 2002, p. 123), pela escola ser vista como essa “chatice necessária”, surgiu o interesse de ver qual é o olhar do jovem ligado ao Rock sobre essa educação.

O estudo torna-se importante para a universidade, pois, ela é um local que recebe muitos jovens de diversas classes sociais, costumes, valores, cultura, saberes e ideologias diferentes. As discussões sobre culturas juvenis dentro da academia é longa, vejo que é preciso conhecer não só jovens que estão dentro da universidade, mas também os jovens que vivem na sociedade, tendo em vista que:

> Num momento em que o ensino superior e as políticas educativas ocupam o centro de tantas controvérsias, é importante repensarmos o papel das instituições universitárias e da juventude estudantil no quadro das transformações sociais e políticas das últimas décadas (ESTANQUE; NUNES, 2003, p. 3).

Não só a juventude estudantil, mas também aquela juventude que não tem uma ligação com a escola, uma vez que eles não deixam de serem sujeitos sociais pois:

> Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade (DAYRELL, 2003, p. 43).

Esses jovens, tem um papel dentro da sociedade, seja como um mesmo sendo visto a maioria das vezes como um “rebelde”, por isso vejo a necessidade de um estudo voltado para eles, jovens que formam grupos através de estilos musicais ou através de outras coisas, seja a dança, a escrita, o jeito de se vestir, etc. Todos nós enquanto vivermos em sociedade teremos um papel dentro dela mesmo sendo alguns aparentemente menos expressivos e outros mais.

Não se pode estabelecer uma única forma de representar a juventude e sim reconhecer que há várias formas de ser jovem pois não se parte apenas do sentido biológico do homem, mas ser jovem implica em uma série de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais.

A música[2], é vista como um forte fator para separar e unir culturas juvenis, pois em um determinado espaço no qual os diferentes estilos musicais são inseridos, observa-se a formação de grupos que vão se formar a partir de um estilo de musical, os símbolos que ele traz, as vestimentas e a formas de agir.

Dentro desses grupos vão se iniciar os processos de construção de identidade[3] desses jovens e a troca de experiências entre eles, que resultará em um processo socialização, essa troca de experiência dada através de conversas e ações entre os integrantes desses grupos, levando a sociabilidade desses jovens, segundo Dayrell:

> Podemos afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade (DAYRELL, 2007, p 1112).

O processo de socialização do jovem se promove de diferentes formas dependo do tempo e lugar, que seriam nos lugares que costumam frequentar e neles que se dão essas relações, por exemplo dentro das escolas, pois nela é um espaço que se pode identificar um grande número de culturas juvenis, onde eles passam grande parte do tempo de seus dias e também das suas vidas,

[2] A música seria a combinação de ritmo, harmonia e melodia, que seja de alguma forma agradável para a audição.
[3] Trago como o conjunto particulares de um sujeito, que o identifica como próprio e as suas relações sócias afetam de alguma forma sua construção.

claro que se, esse jovem, permanecer nessa instituição até o ensino médio e alcançar o ensino superior. Nessas instituições os jovens se reúnem em grupos de amigos e podemos afirmar que:

> A turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, “trocam ideias”, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintivos e uma grande área para haver essas interações são dentro da escola onde há um contato com vários tipos de jovens (DAYRELL, 2007, p. 1111).

Devemos considerar que “processos culturais genericamente envolvem construção de símbolos, de representações sociais, de significados e de práticas constituintes e constituídas do mundo social” (GUIMARÃES; DUARTE, 2011, p. 145) haja a vista que processos culturais:

> revelam-se arbitrários, posto que objetivam não apenas a produção e a reprodução da sociedade em que se está e se vive, mas objetivam, também, interesses e metas que, indo além da própria sociedade, envolvem outras sociedades, outros grupos sociais, outras culturas. Tal como aconteceu com a expansão colonial na América e, portanto, com as relações entre europeus e indígenas (GUSMÃO, 1997).

O símbolo “é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional” (JUNG, 1964, p. 20), e acaba sendo notável que as culturas juvenis são repletas de símbolos, que vão ganhando novos valores e significados com o passar do tempo.

E, se tratando de Rock, é comum notar que muitos jovens que interagem com esse gênero musical, se manifestam de várias formas desde ouvindo o estilo, usando camisas de bandas, indo a shows e até mesmo aprendendo a tocar instrumentos musicais para reproduzir as músicas que gostam ou para serem que nem seus ídolos seja ele o guitarrista da banda, o baixista, o baterista ou o vocalista, seja qual for, eles buscam aprender mais sobre o estilo, sobre os instrumentos musicais e sobre o canto.

Neste projeto o olhar da investigação se volta para uma das culturas juvenis, a qual seria a ligada ao Rock e como interagem entre si e como influenciou no seu processo de educação. Levando em consideração seus estilos de vida tentaremos compreender questões como: Como é que os jovens se orientam seguindo o estilo do Rock? Como interagem com os demais

grupos dos outros estilos musicais? E qual é a influência do estilo dentro da sua educação?

Como objetivo geral, pretendo compreender o modo de ser do jovem ligado ao estilo musical do Rock, sua sociabilidade, formação de identidade e a influência em sua educação.

E como objetivos específicos, busco. identificar o que é ser jovem no cenário do Rock na cena musical de Belém; entender suas estratégias de socialização com os demais grupos sociais ligados a outros estilos musicais e analisar os jovens ligados ao Rock e sua relação com a educação formal

Ao decorrer do texto, trabalhei no primeiro capítulo, alguns conceitos sobre juventude, sociabilidades, culturas juvenis, no segundo capítulo um breve histórico sobre o Rock dos anos 50 aos 70, o estilo musical da cultura juvenil a ser estudada, no terceiro capítulo foi explicado a metodologia utilizada no trabalho; o quarto contém a análise de dados e por fim será feita as considerações finais.

CAPÍTULO 1: JUVENTUDE: UMA ABORDAGEM SOBRE SUA TRAJETÓRIA E SEUS CONCEITOS.

O primeiro capítulo nomeado de *Juventude: uma abordagem sobre sua trajetória e seus conceitos*, discorre sobre alguns conceitos acerca a categoria da juventude, que fundamentam a discussão sobre juventude feitas no presente trabalho.

1.1. Um pouco sobre *Geração*

A juventude, como já foi apresentado é um conceito que apresenta várias visões como faixa etária e uma fase da vida, mas, também como geração pois "jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos, pode-se dizer, fazem parte da mesma geração" (KARL MANNHEIM, 1928 Apud FEIXA; LECCAARDI, 2010, p. 187). O conceito de geração de Mannheim é visto como um divisor de águas, pois ele desejava se afastar do positivismo, que trazia as gerações de forma biológica e a histórico-romântica, que via a importância do tempo e de fatores históricos (FEIXA; LECCARDI, 2010). E é a partir da visão de Mannheim, que trabalho se debruçara, pois, a juventude é uma categoria que vai além de uma fase de vida e uma faixa etária.

Mas antes de ser vista como geração, como compreendemos através de Mannheim, o conceito de geração já foi visto de outras maneiras e uma delas é a de Comte. Para Comte, a geração era totalmente voltada para a sua visão positivista de tempo, era algo totalmente quantitativo, que negava o lado qualitativo que ali existia:

> Era uma teoria totalmente interna ao positivismo comteano, a esforçar-se para identificar um tempo quantitativo e objetivamente mensurável como critério para o progresso linear. Com base no postulado entre progresso e sucessão das gerações, Comte afirmou que o ritmo pode ser calculado simplesmente pela medição do tempo médio necessário para que uma geração seja substituída – na vida pública – por uma nova (30 anos, de acordo com Comte) (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 187).

A teoria de Comte, era estritamente ligada ao tempo que a pessoa trabalhava, que seria o tempo que as pessoas trabalhariam, esses 30 anos e após isso deixariam de ter uma vida ativa para o trabalho e logo seriam substituídas por uma nova geração, a qual iniciaria sua vida de trabalho e seriam pessoas ativas. De tal maneira que se vermos as gerações a partir desse ponto de vista, apenas quantitativo, deixaríamos de ver vários processos, que estão por de trás da formação de uma geração. Mas a relação equilibrada entre a geração sucessora e a anterior geraria progresso que seria:

> O resultado do entrelaçamento equilibrado entre as mudanças produzidas pela nova geração e a estabilidade mantida pelas gerações mais velhas. A palavra-chave que Comte procura para a objetividade histórica é *continuidade*. Neste quadro analítico – e ao contrário do Iluminismo –, o progresso é identificado com as novas gerações, o que não significa desvalorização do passado, que coincide com as gerações mais velhas. O tempo social é "biologizado". De modo semelhante ao organismo humano, também o organismo social é sujeito ao desgaste. Mas, para este, as "partes" podem ser facilmente substituídas: as novas gerações tomarão o lugar das antigas. O conflito entre gerações pode somente acontecer se a duração da vida humana tornar-se excessivamente longa, frustrando as novas gerações e seu "instinto inovador", de descobrir espaços de expressão de si (se a vida fosse excessivamente breve, a predominância deste instinto criaria um desequilíbrio social que inevitavelmente romperia o ritmo do progresso). Assim, através de sua reflexão sobre gerações, Comte propôs uma lei geral sobre o ritmo da história. Leis biológicas, relacionadas com a duração média da vida e da sucessão das gerações, a base da "objetividade" do ritmo (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 187-188).

Ao ver o tempo social de forma semelhante ao organismo humano, podemos dizer que através da sucessão de gerações, de certa forma não haveria uma diferenciação entre elas, a geração passada, só se perpetuaria através das novas, ao mesmo tempo que estaria envelhecendo em alguns costumes, a nova geração poderia trazer um novo costume ou ressignificar o que já estaria em declínio para geração passada, assim tentando manter uma tradição. Por exemplo de ressignificação, a *festa dos rapazes*, que Pais (2009), traz a discussão de uma tradição portuguesa, que demarca a transição da fase de vida, do jovem homem, para a vida adulta, que para os mais velhos da província a festa deixou de ter esse valor e é vista apenas como uma atração turística hoje em dia.

Porém, esse modo de ver as gerações como um organismo biológico, foi totalmente negada pela visão histórico-romântica, postulada por Dithey em 1989, que sucedera a conceituação de Comte, já que a visão histórico-romântica via o lado qualitativo das gerações, isso faz ela ser oposta a visão positivista, pois ela também nega de se ver apenas de forma quantitativa, onde ele:

> Enfatizou a conexão obtida, em termos qualitativos, entre os ritmos da história e os ritmos das gerações. Nesta perspectiva, o que mais importa é a qualidade dos vínculos que os indivíduos das gerações mantêm em conjunto. Em consonância com esta abordagem, Dilthey (1989) argumentou que a questão das gerações exigiu a análise do tempo da experiência medido exclusivamente em termos qualitativos (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 188)

Segundo Feixa e Leccardi (2010), Dilthey diferente de Comte, não vê a importância da sucessão de gerações, já que para ele o importante é as relações que o sujeito faz durante a contemporaneidade. Essa troca de experiências e vivencias das gerações, já que as gerações apesar de serem diferentes, passaram por algumas influências históricas comuns, pois:

> As gerações – asseverou – são definidas em termos de relações de contemporaneidade e consistem num conjunto de pessoas sujeitas em seus anos de maleabilidade máxima a influências históricas comuns (intelectuais, sociais e políticas). Em outras palavras: consiste de pessoas que partilham o mesmo conjunto de experiências, o mesmo “tempo qualitativo”. A formação das gerações foi consequentemente baseada em uma temporalidade concreta, constituída de acontecimentos e experiências compartilhadas (FEIXA, LECCARDI, 2010, p. 188).

E dentro disso, além de ver esse compartilhamento de experiências entre gerações, para entender a visão histórico-romântica, devemos ter de entender que para Dilthey, existe uma oposição entre o tempo humano (concreto e continuo) e o da natureza (abstrato e descontinuo) pois:

> A continuidade do padrão provém da capacidade da mente humana – ao contrário da qualidade do tempo que a natureza possui – de transcender o tempo percorrido e construir acontecimentos individuais dentro de um todo homogêneo e coerente. (...) A conexão entre o tempo humano e o tempo histórico provém principalmente da capacidade de moldar, uniformizar o tempo pessoal e interpretá-lo num todo significativo. Mas ela também está intimamente associada à historicidade decorrente de um ponto de vista adicional. É a história

> que possibilita de fato à mente humana emancipar-se da tradição da natureza. De acordo com Dilthey, o tempo desta última, ao contrário do tempo humano, é formado por uma série de eventos descontínuos de valor igual, destituída de uma estrutura de passado, presente e futuro. A natureza não tem história e é, consequentemente, teoricamente irrelevante. (FEIXA, LECCARDI, 2010, p. 188-189)

Sendo assim o tempo humano, pode se dizer que é moldado pelo homem junto ao tempo histórico e isso faz com que seu temo pessoal moldável, para se manter dentro desse momento sócio histórico vivido, mas não de uma forma igual para todos, mas com diferenças. Aí voltamos para Mannheim que de veio se distanciando totalmente do positivismo e um pouco da histórico-romântica, pois, “seu maior interesse foi o de incluir as gerações em sua pesquisa sobre as bases sociais e existenciais do conhecimento em relação ao processo histórico-social” (FEIXA, 2010, p. 189), ele vai além da história, busca o social das gerações.

Mannheim, ainda tem um gosto pela a visão histórico-romântica, pois ela deixa claro como questões podem variar de país para país, como de época para época (WELLER, 2010). Isso faz com que as gerações não sejam iguais em todos lugares e no mesmo tempo, mesmo passando por processos históricos similares.

> Ao invés de associar as gerações a um conceito de tempo externalizado e mecanicista, pautado por um princípio de linearidade, o pensamento histórico-romântico alemão se esforça por buscar no problema geracional uma contraproposta diante da linearidade do fluxo temporal da história:
> O problema geracional se torna, dessa forma, um problema de existência de um tempo interior não mensurável e que só pode ser apreendido qualitativamente, ou seja, esse tempo interior só pode ser apreendido subjetivamente e não objetivamente (p. 516) (WELLER, 2010, p. 208)

A partir daí, fica mais evidente que para definir uma geração, é preciso ver o tempo de forma qualitativa e não apenas o que está visível, mas o que está por trás também e deixar de lado o quantitativo e buscar ver esse além do que está aparente, já que o que vai fazer uma geração é suas variações que vão de acordo com as vivencias de cada sujeito, já que:

> Mannheim toma aqui a Dilthey como referência e destaca dois aspectos inovadores no pensamento do mesmo:
> - A contraposição entre a mensuração quantitativa e a compreensão exclusivamente qualitativa do tempo interior de vivência (*erfassbarerinnerer Erlebniszeit*);
> - O fato de que não é somente a sucessão de uma geração que cobra um sentido mais profundo do que o meramente cronológico, mas também o fenômeno da "contemporaneidade" ou "simultaneidade" (*Gleichzeitigkeit*). (WELLER, 2010, p. 208)

Há a existência de uma simultaneidade que é decorrente das convivências de várias gerações no período da contemporaneidade, mas ainda há as diferenças entre elas, porque cada geração tem seu tempo e o tempo não é igual para todos, mesmo essas gerações passando pelos mesmos eventos históricos e Mannheim traz atenção para isso, pelo fato de:

> Cada um vive com gente da mesma idade e de idades distintas em uma plenitude de possibilidades contemporâneas. Para cada um o mesmo tempo é um tempo distinto, quer dizer, uma época distinta de si mesmo, que é partilhada com seus coetâneos (Pinder, p. 21 apud Mannheim p. 517 apud WELLER, 2010, p. 209).

Porque, sabemos que a juventude não é feita só por pessoas de uma mesma faixa etária e sim por várias, com pensamentos e concepções diferentes umas das outras. Ela é feita a partir de um todo, porque a sociedade não é composta por pessoas de uma mesma faixa etária e sim de várias, é uma gama enorme de pessoas com histórias, experiências, vivencias e gerações diferente.

1.2. Culturas juvenis e Sociabilidades

> À primeira vista, a noção de juventude apresenta-se como uma categoria associada com a idade e, portanto, refere-se a biologia, o status e as capacidades do corpo: parece invocar o reino da natureza. No entanto, por pouco que se aprofunda o significado de "juventude" é revelado como extremamente complexo, propenso a ambiguidades e simplificações. "Juventude" apela para um quadro de significados sobrepostos, elaborados historicamente, que refletem no processo social de construção do seu sentido na complicada trama de situações sociais, atores e cenários que dão conta de um assunto difícil de entender (MARGULIS, 2001, p. 41, **tradução nossa**)

Explicar juventude ainda é difícil, pois não há uma convenção para definir o que é juventude, pois é algo propenso a ambiguidades, isso faz dela algo plural, por isso devemos nos referir a juventude também como juventudes, por ela se mostrar várias, devido ela se orientar por culturas, valores e contextos sócio históricos diferentes, onde:

> Num mesmo ambiente, em uma mesma festa de família, se pode encontrar o jovem *punk* e o executivo; o ateu e o evangélico; o sério e o irônico; o que não fala com os pais e aquele que, ao contrário, estabelece com eles uma relação intensa; o que adora o estudo ou a escola e o que considera o esforço intelectual ou a vida escolar um aborrecimento ou perda de tempo. Essas distintas tipologias também não são fixas, caso consideremos os jogos de relações que compõem os processos de formação das muitas identidades de um mesmo indivíduo ou grupo (CARRANO, 200, p. 157-158)

As juventudes e as várias culturas juvenis, não vivem em esferas separadas, elas coexistem, se envolvem com o todo que as rodeiam e há algum tipo de interação entre elas e partir daí já se inicia um processo de sociabilidade, uma troca de conhecimentos entre pessoas de estilos de vida diferentes, de juventudes diferentes, algo que é muito comum em escolas e áreas de convivências de jovens, que não são destinados a apenas a uma cultura. Vale também destacar que:

> Diferentemente daquilo que acontecia em sociedades tradicionais, nas quais os filhos eram levados a seguir os destinos familiares e educacionais para eles traçados os jovens de hoje encontram-se mais disponíveis para dispor de sua própria vida encontrando mais disponibilidade para fazer escolhas, flexibilizar os seus projetos de futuro e experimentar novas identidades culturais. Esse sentido de fluidez e abertura se estende em todas as áreas da vida. Os

> contextos da vida social que se apresentam resistentes aos fluxos comunicativos da juventude são identificados por ela como ultrapassados. O que se evidencia nas práticas culturais da juventude nas cidades é que o corpo expressa uma síntese de práticas, estilos e atitudes compartilhadas no interior de grupos de identidade; esse é o caso, por exemplo, dos *rappers* em São Paulo e dos funkeiros no Rio de Janeiro. O corpo (gestos, expressões e movimentos) é constituído por várias redes de subjetividades interdependentes. Nesse sentido haveria uma *corporicidade* (CARRANO, 1999) jovem que apostaria em outras formas de ser, sentir e pensar que, em grande medida, torna-se incompreensível para pais e professores. Isso não é, necessariamente, algo negativo (CARRANO, 2000, p. 158)

O jovem não se torna um ser inflexível, ele é flexível, se faz disposto a experimentar coisas novas e aprender, muita das vezes não se fixa a uma cultura. Ele quer ser ouvido, quer ser enxergado, então aí há uma apropriação de uma cultura ligado a algo que ele goste, logo um jovem que gosta do estilo musical do Rock, usaria coisas que são relacionados a esse estilo musical, assim dando uma forma a mais de se expressar, indo além de palavras, mas usa-se de sua própria corporeidade para que possa ser notado, que ele é diferente do todo que o rodeia, que ele não quer ser “igual a todos”, ele quer ser visto como pertencente a uma cultura que atenda seus desejos e como diferente de antigamente, ele pode expressar e viver mais para essa forma de manifestação do seu estilo de ser.

Mesmo com todas essas conceituações a juventude ainda fica limitada para que possa agir como atores sociais dentro da sociedade, os jovens ainda vem sendo vistos como o “vir a ser”, que seria o adulto, faz com que ele caia na conceituação de fase de vida mais uma vez. Logo a juventude é vista como uma fase de transição para a vida adulta, algo meramente passageiro, que para essa passagem ainda há alguns ritos de passagem:

> Na verdade, em sociedades de outrora existiam ritos de passagem que demarcavam, de modo preciso, a transição dos jovens para a idade adulta, como os ritos de circuncisão. Mais recentemente, o casamento e a obtenção de um trabalho constituíam momentos-chave para a aquisição do estatuto de adulto. E até o cumprimento do serviço militar – dizia-se – fazia de um rapaz um «homem». Hoje em dia, são mais fluidos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases de vida (PAIS, 2009, p. 373).

Podemos dizer que a juventude hoje em dia não chega ao fim através dos ritos de passagem, ela vem se moldando de outras formas, pois, essa prolongação da juventude acaba sendo uma questão que vai além disso, ela não chega ao fim através desses ritos, ela vai variar de acordo com as interações sociais que as pessoas têm e também com suas necessidades pessoais.

Toda cultura juvenil sofre algumas limitações ocasionadas pelo lugar social que ocupam:

> Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar idéias*, para ouvir um "som", dançar, dentre outras diferentes formas de lazer. Mas, também, tem se ampliado o número daqueles que se colocam como produtores culturais e não apenas fruidores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças, ou mesmo programas em rádios comunitárias. (DAYRELL, 2007, p. 1109).

A juventude, se articula através de sua expressão simbólica e de outras formas de expressões, utilizada pela sua cultura, muita das vezes essa expressão se dá de forma artísticas, para que de alguma forma mostre que eles como jovens tem uma forma de pensar, de se manifestar e querem de alguma forma compartilhar esse pensamento com a sociedade, que o vê muita das vezes como um vândalo se sua expressão se der através do grafite, em rodas de breakdance ou fazendo música.

Segundo Pais (1990, p. 140) "a juventude começa por ser uma categoria socialmente **manipulada e manipulável"**, por mais que a citação seja dos anos 90, de certa forma isso ainda é presente nos dias atuais, onde a indústria capitalista de certa forma comanda o pensar de muitos jovens, o acaba fazendo ser pensado como uma fase da vida movida pelos impulsos, onde a mídia e a internet direciona os jovens a que impulsos se sentir, seja o impulso de comprar coisas que seriam da dita "moda do momento", o que ouvir e como agir ou até mesmo imitar o jeito de alguém. Pode-se dizer que a própria sociologia da juventude, se contradiz não mantendo uma igualdade em duas tendências:

> a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada «fase da vida», prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogéneos que caracterizariam essa fase da vida — aspectos que fariam parte de uma «cultura juvenil», específica, portanto, de uma geração definida em termos etários;
> b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Nestoutro sentido, seria, de facto, um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum (PAIS, 1990, p. 140).

Isso mostra que a juventude não deve ser vista como uma coisa única, mas como algo mais complexo, que devemos enxergar as juventudes, onde não se destacam duas ou três, mas vários modos de ser jovem, que variam em vários aspectos desde históricos, sociais, econômicos, políticos, lugar, faixa etária e escolaridade.

O contexto social, é um grande fator a ser levado em consideração, já que para que o jovem é um sujeito que vive na sociedade, ele não é um ser que fica isolado, ele está dentro de vários locais de sociabilidades, seja na escola, em casa, na igreja, ele vai estar rodeado por diversas pessoas, onde essa vivência vai refletir de algum modo sobre ele, pois:

> É importante considerar que os jovens representam uma categoria única. A juventude é uma categoria construída culturalmente, não é se trata de uma "essência" e, como tal sentido, a mutabilidade dos critérios estabelecidos dos limites e o comportamento dos jovens, está necessariamente ligado aos contextos sociohistóricos, oriundos das relações de poder em uma dada sociedade (REGUILLO, 2003, p. 104, **tradução nossa**).

Assim podemos dizer que o jovem de 2017, pode não ser o mesmo de 2018, porque seu comportamento é mutável, que pode mudar de uma forma muito rápida, sendo pelo o que acontece em sua sociedade ou dentro da sua própria casa ou até mesmo com algo totalmente fora de sua realidade que ele teve acesso através da internet e essa globalização, com acesso rápido a informações faz com que essas mudanças acontecerem de forma mais dinâmica e repentinas.

Um grande exemplo de mudança da forma de pensar a juventude e esta mudar rapidamente, podemos usar as manifestações de 2013, onde milhares de jovens foram às ruas do Brasil todo protestar, seja pelo aumento da passagem de ônibus em São Paulo ou por um país com menos corrupção, os quais podemos identificá-los como um dos *novos movimentos sociais*, que:

> resultam da crise econômica e financeira, tendo como principais reivindicações a luta contra as medidas de austeridade implementadas pelo governo. O caráter não hierárquico, orgânico, não institucional e, por isso mesmo, afastado daquilo que pode ser considerada a atividade política institucional constituem algumas das suas principais características (SIMÕES; CAMPOS, 2016, p. 135)

Isso mostra que jovens, no caso não somente os jovens que estavam em maior número, mas que também os adultos, são capazes de se unir em um pequeno espaço de tempo por um mesmo ideal, que mostra que o contexto social move várias culturas para alcançar um objetivo, podendo ser em comum ou não, com o auxílio das tecnologias para a movimentação rápida de informações.

O jovem visto como um alguém em transição, por mais que seja capaz de se mobilizar em um curto tempo, por algum tipo de luta, ainda não é visto como alguém capaz de dar opinião, pois ainda estamos em uma sociedade onde a palavra dos mais velhos prevalece, e os jovens ficam na sombra dos adultos e se cria uma certa marginalização do ser jovem.

> Não por acaso, parte considerável da sociologia da juventude constituir-se-á então como uma sociologia do desvio: *jovem* é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo (PERALVA, 1997, p. 18).

A juventude sendo vista dessa maneira, ainda como uma fase de vida, acaba gerando uma relação de conflito com as gerações anteriores a sua, mas isso não faz que a relação entre eles seja independente, eles continuam interdependentes:

> Uma vez dotadas de especificidade própria, as fases da vida não se tornam apenas autônomas, umas em relação às outras. Permanecem interdependentes e mesmo hierarquizadas. Tal hierarquia constrói-se sobre a base de uma tensão, intrínseca à modernidade, entre uma orientação definida pela lógica da modernização (portanto, orientação para o futuro, através da afirmação conquistadora da renovação enquanto valor) e o fundamento normativo da ordem moderna, que

> afirma, ao contrário, a primazia do passado enquanto elemento de significação do futuro. Cabe ao passado, isto é, à ordem social *já* constituída, domesticar, sem destruir, os elementos de transformação e modernização inerentes à vida moderna [...] a especificidade, portanto da educação no mundo moderno é que ela *é* e *deve ser* intrinsecamente conservadora (PERALVA, 1997, p. 18)

Caberia aos mais velhos, educar os jovens para que eles mantenham seus costumes e tradições, para que eles não venham a ser “desviados”, onde ele virem apenas reprodutores dos saberes que já estão imbricados na sociedade, na qual gerações mais velhas governam e querem manter seu poder, através da manutenção dos seus valores e saberes, que são transmitidos para os mais novos.

A escola, agia antigamente e atualmente como uma ferramenta para manter os conceitos e valores postos pelas gerações anteriores para que não haja desequilíbrio:

> A intervenção moderna sobre a vida de jovens e crianças teve como objetivos conter, controlar, vigiar suas energias desordenadas, disciplinando-as. O ensino na escola pública, capaz de incentivar a função coletiva da educação na modernidade**,** tem se desqualificado como espaço formador, das novas gerações, da cultura cultivada e da competência para a reproduzir ou mesmo questionar os valores sociais e culturais (DE SOUSA; DURANT, 2002, p. 165).

Assim tenta se criar um jovem, que apenas reproduzam o que lhe é transmitido, para não haver conflito entre as gerações, mas esse efeito de que os jovens sejam apenas reprodutores, não é efetivo de forma total, por isso ainda tem uma diferenciação entre gerações e nesse sentido tentasse reduzir o trabalho da subjetividade desses jovens e os tentam torna para manter os valores já postos na sociedade, por isso a educação é algo atribuído as gerações mais velhas:

> a corresponsabilidade pela educação das mais novas e, genericamente, atua de forma permanente, factual, ativa, reprodutora da experiência social independentemente da intenção humana nela contida. Ao se apoiarem nas necessidades práticas da vida social, os adultos reforçam as instituições, fortalecem as normas e por meio delas materializam um sistema de condutas que, tanto no âmbito da vida privada quanto no da vida pública, sustenta realidades decorrentes de causas históricas, religiosas, de organização da vida política e outros. Essa argumentação sugere o entendimento de que

> na escola não há muito o que criar, e sim reproduzir (DE SOUSA; DURANT, 2002, p. 167).

E assim se faz o interesse de se manter os valores sociais, feito por gerações anteriores, que são opostos aos anseios de muitos jovens por isso acabam se tornando os “desviantes”, pois na escola não são atendidos seus anseios e necessidades.

Isso de certa forma, faz o jovem se tornar um sujeito oculto dentro da sociedade e essa forma de ver o jovem ainda vem se reproduzindo até hoje, mantendo-os ainda como uma categoria sem uma voz ativa, sujeitos invisíveis dentro dos espaços onde transitam gerações mais velhas, onde eles viram apenas reprodutores daquilo que a geração mais antiga lhe ensina dizendo o que é certo e o que é errado.

CAPÍTULO 2: UM BREVE HISTÓRICO DO ROCK (1950 – 1970)

O Rock, vem surgindo num cenário meio turbulento, numa época do pós-guerra e de forma discreta, na década de 50, um som que era feito pelos negros, num período em que o racismo nos Estados Unidos era muito forte, a separação entre negros e brancos era nítida, mas os afros americanos não deixaram de buscar seus direitos pela igualdade:

> Talvez as mais impressionantes conquistas do movimento afro americano, do período pós-45, aconteceram durante a sua primeira fase: o movimento pelos direitos civis dos anos 50 e 60. Considerando a história das relações raciais nos Estados Unidos até aquela data, os avanços conseguidos durante aqueles anos foram verdadeiramente extraordinários. A segregação foi superada, o sufrágio definitivo foi estendido ao povo negro através do Ato dos Direitos de Voto de 1965, e o governo federal instituiu programas de "igualdade de oportunidades" e "ação afirmativa" para combater o racismo. (ANDREWS, 1985, p. 52).

Um período em que os adolescente e jovens dos Estados Unidos, vem se tornando uma dita geração “problemática”, por elas estarem ficando diferente das gerações anteriores e se tornando sujeitos consumidores devido a crescente do capitalismo:

> Era o perfil de um adolescente diferente das gerações anteriores, em função de seu... “*número, riqueza, autoconsciência. Tratava-se da primeira geração de adolescentes norte-americanos privilegiados... A figura do adolescente que de tal modo emergia era associada, sobretudo, à vida urbana e encontrava seu habitat na high school - que parecia transformada num cosmos em si mesmo - com os clubes, as atividades esportivas e outras atividades e lugares acessórios como a drugstore, o automóvel, o bar para jovens”*. (...) Uma geração vista como problemática, mas, também, como espelho refletor da sociedade americana do pós-guerra: “*muita da insistência sobre os jovens como consumidores - novo e gigantesco mercado que se abria à venda de Coca-Cola, goma de mascar, balas, discos, roupas, cosméticos, acessórios para carros e carros usados - podia ser transmitida, apesar dos tons de escândalo, ao prazer secreto de ver confirmada a filosofia do consumo que representava uma bíblia do bem-estar americano”*. (KEHL, 2007, p. 46)

Mas a partir da conquista dos negros sobre alguns direitos, se inicia uma relação mais direta entre eles e os brancos, mas ainda eram poucos que tinham acesso aos novos sons que surgiam, mas é certo afirmar que a partir da década de 50 o Rock invade o cenário musical, com artistas negros, entre eles

Chuck Berry, Fast Domino e Little Richard. Esse início da longa jornada da história do Rock pode ser caracterizado em duas gerações, onde uma era de predominância negra e a outra branca:

> A primeira, predominante negra, era formada por Fast Domino, Chuk Berry, Littles Richard e Bill Haley. Eles conquistaram sucesso nas paradas populares entre 1953 e 1955, iniciando a escalada como pioneiros do rock. Sua música, uma síntese dos estilos branco e negro e dominada por um forte acompanhamento de bateria, exibia letras que celebravam as experiências de vida dos adolescentes do pós-guerra, como amor, dança, alusões ao sexo e o próprio rock and roll. [...]. A segunda geração do rock clássico atingiu ainda mais sucesso comercial do que a primeira, explodindo com Elvis Presley no começo de 1956. Este grupo era todo branco, tinha crescido ouvindo o pioneiro da música country Hank Williams e, mais tarde, blues, rhythm and blues e a primeira geração do rock clássico (FRIEDLANDER, 2002, p. 23).

O Rock de certa forma em seu início, era um som para a diversão de quem fazia e escutava, antes dele ser usando como um estilo para um tipo de protesto, mas mesmo assim no seu início ele pode ser visto com grito resistência e independência da comunidade negra.

O Rock durante a década de 50, começou a ser usado pelos jovens para formar seus grupos sociais, pelo o estilo ser algo novo, logo ele era visto pelas gerações anteriores como algo da rebeldia, então logo esses jovens começam a usar o mesmo para expressarem sua dita rebeldia, para irem de contra a conjuntura da sua sociedade:

> Muitos jovens dos anos 50 viam o rock and roll uma expressão de rebeldia e de uma inquietude crescente contra a perceptível rigidez e banalidade de uma época dominada por políticos republicanos conservadores e pela musicalidade de Mitch Miller. O rock and roll lhes deu um senso de comunidade, como dariam os protestos antiguerra da geração seguinte (FRIEDLANDER, 2002, p. 46)

Mitch Miller, era o poderoso executivo musical da época, para com os artistas do Pop, onde seu trabalho iniciou na Mercury Records e depois continuou na Columbia Records, onde ele agenciava grandes artistas entre eles Frank Sinatra, com quem teve um conflito, mas foi perdendo sua força com a crescente do Rock, por volta dos anos 60.

Voltando a falar sobre o Rock durante a década de 50, ele não foi um estilo que ficou por muito tempo as margens da sociedade, não ficou por muito

tempo sendo um som feito por negros para negros, mesmo com os adultos e instituições como igreja falando que era um som impróprio feito por delinquentes e algo que era pecaminoso, isso não fez com que os adolescentes e jovens deixassem de ouvir o estilo, vejo que isso de certa forma foi um estimulo para se ouvir mais ainda o Rock.

Não custou muito para os brancos começarem a compartilhar do Rock, que em menos de 10 anos, o estilo se populariza com o “rei do Rock” Elvis Presley, que estaria mais para “rei do Pop-Rock”, que seria uma vertente do Rock que era mais suscetível a influências de outros estilos:

> Pop-rock é a música pop, feita para as paradas de sucesso, mas usando o rock como um de seus ingredientes. Poucos discordam ser Elvis Presley o grande rei do pop-rock, bom cantor e de repertório versátil o bastante para agradar todas as idades, desde 1956, quando surgiu para o grande público, até mesmo 30 anos após sua morte, em 1977 (MUGNAINI JR, 2007, p. 39)

Com o Rock popularizado, o importante era mantê-lo firme e forte agora, mas não aconteceu bem assim, pois algumas coisas ocorreram e seus pioneiros vão deixando de fazer o som devido “a morte de Eddie Cochran, Elvis no exército, Little Richard interrompendo sua carreira para ser pastor, Chucky Berry na prisão etc.” (MUGNAINI JR, 2007, p. 41). Esses acontecimentos em meados da década de 60, abre um certo espaço para acontecer o que chamamos de a “invasão inglesa”, que foi quando os Estados Unidos se vivia um cenário musical infestado por bandas inglesas como Beatles, Rolling Stones, Dave Clark Five e The How, que trazia de volta o Rock para o país, dando uma nova configuração, para o que seria o Rock naquele momento em que se encontravam, no fim dos anos 60, quando se faz:

> A experimentação realizada pelos Beatles e outros grupos da invasão inglesa ajudou a definir a natureza da música do rock, das letras e da cultura que a cercava. Aas fronteiras musicais foram tão alargadas que puderam incluir a cítara, um instrumento de cordas indiano, e gravações de guitarras tocadas ao fundo, assim como letras que continham interpretações do *Livro Tibetano dos Mortos* (Friedlander, 2002, p. 24).

A partir daí podemos enxergar o Rock como algo global, não único de um país, de um continente, mas sim como algo que pode ser feito por todos e

com várias influencias, deixando de ser um estilo fechado para se tornar um estilo plural aceitando as diversidades culturais.

Com isso foi brotando um novo conceito de Rock, que foi surgindo na cabeça dos jovens da época, que de certa fez com que se aceitasse as diversidades. Entretanto, logo surgiram novos artistas no cenário musical americano, que vinham trazendo o que estava sendo valorizado no estilo a "importância da guitarra; a improvisação do solo se tornou um ponto central, significando qualidade para muitas bandas novas" (FRIEDLANDER, 2002, p. 25).

Aquele estilo que era característico dos negros, em pouco tempo aderidos pelos brancos, teve uma releitura com os ingleses e uma juventude da primeira geração, que ouvia músicas que celebravam a vida de um adolescente de um pós-guerra, sons feitos por Chuck Barry, Little Richard, Fast Domino etc., depois uma segunda geração que escutava o rei do Pop-Rock Elvis Presley, logo depois os ingleses Beatles. Já no início da década de 70 pouco tempo depois esse estilo modelo de Rock, foi ficando um pouco de lado pois estavam surgindo os "deuses da guitarra":

> Os pioneiros da guitarra como Eric Clapton (com a banda iniciante Cream) e Jimi Hendrix (com a sua Experience) viajavam em longas *jams* durante os shows, aos quais o público ia somente para escutar esses "deuses da guitarra" tocarem seus instrumentos. Esses esforços levaram ao desenvolvimento do hard rock e seu representante de maior sucesso comercial, o Led Zeppelin (FRIEDLANDER, 2002, p. 25).

O grupo inglês Led Zeppelin, era representante do Heavy-metal, que seria um tipo de blues, com os amplificadores no máximo e uma distorção pesada da guitarra:

> estilo que se resume a blues tocado e cantado no último volume, inclusive mantendo nas letras as temáticas de sexo e satanismo, só que com marcação rítmica forte e "pesada", lembrando o avanço lento, porém, seguro e destruidor, de um tanque de guerra, daí o rótulo de "metal pesado". Pode-se dizer que o Led Zeppellin fez pelo heavy-metal o que os Beatles fizeram pelo rock'n roll, refinando-o, embora mantendo estilo próprio, e popularizando-o a ponto de conseguir muitos fãs para além dos adeptos do estilo (MUGNAINI JR, 2007, p. 44).

Ainda nesse mesmo período, surge o Hard-rock, que seria uma variação do Heavy-metal, que vem a ser um som mais rítmico e com temáticas mais

leves, vindo até a ser um estilo dançante, onde dentro desse estilo podemos destacar o grupo norte-americano Aerosmith:

> Um dos mais notórios representantes do hard-rock, variante do heavy-metal menos "pesado" (apenas "duro", como sugere o rótulo) e até dançante. Além do Aerosmith, muitos artistas de hard-rock, incluindo Kiss e Guns N'Roses, não costumam se importar muito ao serem rotulados de heavy-metal, ou mesmo punks (MUGNAINI JR, 2007, p. 59).

Durante esse início da década de 70, a tecnologia tem avançado e junto com ela a música também tem, já não se escuta coisas gravadas de qualquer forma, buscam-se aquelas que são gravadas em estúdios de primeira categoria, com o que tinha de mais moderno na época, e quem vem como uma forma reação a essa restrição, que se dava aos roqueiros que não gravação em estúdios que fossem de última geração, foi uma nova vertente, denominada de Punk-rock:

> Como reação a esta era pop dominada pela tecnologia, a música punk rompeu os portões da garagem, da escola de arte e do pub e se lançou no cenário britânico em meados dos anos 70. Vestindo camisetas rasgadas e detonando uma música frenética e crua, os punks tentaram ofender a todos. Seu sucesso combalido mercado do rock. Os pioneiros Sex Pistols se autodestruíram, mas outros, como o Clash, encontraram uma maneira de sobreviver e crescer na cena comercial (FRIEDLANDER, 2002, p.25).

O Punk musicalmente trazia de volta o rock'n roll[4] dos anos 50, a dita rebeldia e também o Garage-rock[5] de 10 anos atrás, mas da forma mais austera possível para que não perdesse sua identidade e mesmo o Sex Pistols, se revelando como uma armação do empresário, Malcolm McLaren, e que, apesar de rebeldes e irreverentes, conseguiram muito dinheiro e são trapaceiros confessos, pois falaram tudo em um filme e LP chamados *The Great Rock'n roll Swindle ("A grande trapaça do rock'n roll")*(MUGNAINI JR, 2007, p. 55).

[4] É o Rock feito no seu início, nos anos 50.

[5] "Garage-rock, protopunk ou freakbeat: Para estes roqueiros, celebridade e muita grana importava muito menos que sofisticação musical; qualquer um pode fazer rock de garagem, bastara ter os instrumentos, saber 3 acordes ou marcar um 4/4, ter uma garagem ou um quarto, e vamos lá. Gravações, quando aconteciam, eram no espírito moleque e agressivo; afinal pouco importando virtuosismo vocais ou instrumentais. Alguns destes grupos que gravaram de 1965 a 1966, são The Standells, Syndicate Of Sound, Chocolate Watchband, The Music Machine, Shadowns Of Night e, na Inglaterra, os Troggs" (MUGNAINI JR, 2007, p. 50)

> Literalmente o “rock delinquente”, o gênero se caracteriza pelo total descompromisso e irreverência – mesmo que alguns expoentes do gênero, como os ingleses Sex Pistols, tenham se revelado “armações” para explorar o punk como um modismo, confirmando a máxima de que “ataques à sociedade de consumo tornam-se produtos a serem consumidos”. Mas isto não desmere a representatividade dos Pistols como um bom grupo punk, direto e cheio de energia (MUGNAINI JR, 2007, p. 55).

A influência que eles tinham, acabou transformando as cabeças de muitos jovens e fez com que muitos quisessem levar ao pé da letra o que seus ídolos pregavam tentando ofender a todos e mostrar seu lugar na sociedade, através das suas vestimentas, símbolos e pela música, onde a principal marca desse estilo era o corte cabelo moicano.

> O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração. Mais polimorfo ainda porque seu mercado básico, o jovem, é dominado pelo sentimento da busca que dificulta o alcance ao porto da definição (e da estagnação . . .) (CHACON, 1985, p. 7).

É importante falarmos também, sobre a Androginia[6] e Rock Teatral, que valoriza o Rock, como um verdadeiro espetáculo no palco, onde entre seus maiores representantes, estão a banda Kiss e Alice Cooper, não podendo esquecer do grande “camaleão do rock” David Bowie, um verdadeiro ator no papel de cantor ou vice-versa, pois, ele se fazia como um outro ser comparado até com um alienígena, porque em muitas vezes não se sabia se ele era homem ou mulher, com sua postura andrógina:

> Não só o verdadeiro sexo forte, a mulher, vem conquistando espaço no rock: o chamado terceiro sexo também mostra a que veio, combinando as sensibilidades masculina e feminina, ainda que apenas como postura artística, a verdadeira inclinação do artista. É o caso do cantor David Bowie, que estourou nos anos 1970 como

[6] Faz referência a dois conceitos, que seria a combinação de características femininas e masculinas em um único ser, ou uma forma para descrever algo que não é masculino e nem feminino. Logo uma pessoa andrógina, seria alguém com combinações de características culturais, tanto masculina quanto femininas, que se identifica e se define com variações de sentimentos e traços comportamentais que são tanto masculinos quanto femininos.

> “andrógino”, postura que abandonou antes do fim da década (MUGNAINI JR, 2007, p. 60).

Podemos dizer que o Rock é algo vivo, já que ele vai sempre mudando através do tempo, se adaptando as novas tecnologias, vai sendo definido pelo seu público e pelos seus novos artistas, ele nunca vai ser o mesmo por muito tempo vai estar sempre se reinventando através do contexto histórico no qual está inserido e no tipo de sociedade, pois as pessoas desse local vão estar sobre valores, culturas diferentes e conflitos devido aos choques de gerações, que podem gerar coisas muito positivas para a sociedade.

E como o Rock vai chegando no Brasil? Bom, ele chega aos poucos e de forma tímida, assim como muitas coisas chegam atrasadas no país atualmente, mas é isso o Rock no Brasil dá as caras bem devagar, ele se ressignifica, mais ainda traz consigo, a marca de como o estilo é feito nos EUA:

> Desde o início da década — mas levemente atrasados — formávamos a nossa "juventude transviada", enquanto Jânio coroava Che e os militares preparavam 64. Golpismos à parte, nós entramos no Rock pela porta da frente. . . mas demoramos demais no hall. Através de Ronnie Cord, Demétrius e Cely Campello, que cantavam os brilhantes e antológicas *Rua Augusta* e *Estúpido Cupido*, entramos no rock'n' roll tardiamente, mas ainda a tempo de tirar a diferença. No entanto, nunca passamos muito disso. Teremos bons rockeiros como Erasmo Carlos, Eduardo Araújo, Renato e seus Blue Caps e até Roberto Carlos; alguns projetos vocais como Leno e Lilian; 15 ou ainda os VIPS, Wanderléa, Ronnie Von, Os Incríveis, Os Jordans; teremos a versão brasileira dos grupos vocais negros como o Trio Esperança e os Golden Boys; mas ninguém (salvo, em parte, Erasmo Carlos) vai passar de um nível razoável tanto no campo da composição como no campo instrumental. Não teremos nem hippies, nem violentos na Jovem Guarda; e em pleno ano de 1967, ano do *Sgt. Pepper's*, Roberto e Erasmo não ultrapassavam os curtos limites do boyzinho, do carrão, das mil mulheres (*Eu sou Terrível*, p.e.) . . . Abandonada pelos teóricos da arte e da comunicação (e da história, é claro!), a Jovem Guarda ainda não foi corretamente analisada (CHACON, 1985, p. 14 - 15).

O rock’n roll no Brasil, era com letras extremamente ligadas ao movimento artístico futurista ou modernista, caracterizado:

> principalmente pelo rompimento com a arte e a cultura do passado, celebrando o progresso e a tecnologia moderna, a vida urbana, a velocidade e a energia ao ponto de os mais extremos, exaltarem as armas e a violência (OLEQUES, 2016).

Eram músicas voltadas para exaltar o cotidiano urbano, onde jovens dirigiam seus carros e motos em alta velocidade e iam se encontrar com suas namoradas, para curti a noite.

Depois do Rock chegar ao Brasil, na época da ditadura, que havia censura em tudo, houve uma necessidade de usar o estilo como um protesto, então deveria haver uma certa coragem para conduzir o novo, não tão novo estilo no país, divulgá-lo, torná-lo mais forte:

> Porque Rock nós tínhamos, só que quem o conduzia, levava para rumos por demais avançados para uma época (e uma juventude) por demais encantada pela luta política, *stricto sensu*, e pela música nacionalista de Geraldo Vandré, Sérgio Ricardo, Chico Buarque e Edu Lobo. Falo, é claro, do único músico (e asseclas também) brasileiro que parou para estudar o *Sgt. Pepper's* enquanto Costa e Silva governava o país e que não teve medo de colocar guitarra elétrica no mesmo palco que ouviu a queixada de burro em *Disparada*, de Vandré: falo, evidentemente, de Caetano Veloso. E, portanto, o Tropicalismo e não a Jovem Guarda, que antropofagicamente conduz o Rock no Brasil até a entrada da década de 70 (CHACON, 1985, p. 15).

Poderíamos então afirmar que o Rock se inicia de forma oficial no Brasil na década de 70, duas décadas depois de surgir nos EUA, mas ele já vinha sendo feito antes disso. O tropicalismo que trouxe uma certa revolução para música brasileira porque, eles queriam fazer um som de certa forma global, queriam trazer um pouco do tudo do universo musical:

> Os tropicalistas deram um histórico passo à frente no meio musical brasileiro. A música brasileira pós-Bossa Nova e a definição da “qualidade musical” no País estavam cada vez mais dominadas pelas posições tradicionais ou nacionalistas de movimentos ligados à esquerda. Contra essas tendências, o grupo baiano e seus colaboradores procuram universalizar a linguagem da MPB, incorporando elementos da cultura jovem mundial, como o rock, a psicodelia e a guitarra elétrica (OLIVEIRA, 2017)

E o Rock, no Brasil vai se reconfigurando de outras formas com o passar do tempo, vai se ressignificando através das gerações que vai se apropriando desse estilo que dá o que falar até os dias de hoje.

E num contexto mais geral, o estilo musical do Rock com o passar dos anos vai mudando, deixando de ser aquele som clássico de Chuck Barry, Elvis e Beattles, vai se tornado algo mais pesado com as distorções das guitarras de Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath, junto com om Punk Rock das

bandas Ramones (norte americana), Sex Pistols, Clash e Stranglers (as 3 inglesas), sendo assim:

> O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração (CHACON, 1985, p. 7).

Os que se identificam como roqueiros, tem uma maneira diferente de ver a sociedade, muitos não se acomodam pelo a posição que ocupam nela, muitos buscam protestar, debater e criticar, sobre as coisas que lhe agradam e desagradam e questionam, onde algumas bandas trazem essas características em suas letras e faz com que seu som não seja algo apenas para se curtir, mas para se refletir também.

O Rock é algo que sempre está em movimento, não vai ser algo uniforme por muito tempo sempre irá se alterar para atender as culturas locais, as mudanças e os anseios de cada geração que o faz, fazendo do estilo algo vivo sempre em mudança, como já diz a música do Raul Seixa “metamorfose ambulante”, o Rock sempre vai se se alterar para se encaixar num meio ao qual ele seja inserido.

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O interesse na investigação, é compreender mais sobre o grupo de jovens ligados a uma banda de Rock, entender seus processos de sociabilidade e educação a partir da influência que o estilo gera sobre eles, através de uma abordagem de cunho qualitativo:

> que implica uma partilha densa de pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após esse tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Também podemos dizer, que o que diferencia a pesquisa quantitativa da qualitativa, é por ela ir além de números, mas busca por algo mais subjetivos que os números não são capazes de expor, mas isso não desqualifica a pesquisa a quantitativa, mas para o trabalho a qualitativa se faz de mais importância por ela ter esse caráter mais pessoal, já que ela:

> não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. (GODOY, 1995, p. 58).

Por isso se partiu do estudo qualitativo, o presente trabalho terá um enfoque fenomenológico, pois se estudou o fenômeno da juventude e o Rock para conhecer mais suas maneiras de socialização e como o estilo influencia na sua educação, já que o estilo é carregado de significados e que moveu e move gerações inteiras até hoje, logo há a possibilidade de o mesmo alterar ou ressignificar costumes do seu ouvinte e criador, pois quando:

> Lançado no mundo, o homem percebe-se e torna-se humano no contato com os outros humanos, afetado pelo que desse convívio descortina. Comunica suas *experienciações*, compreende o mundo não como uma forma de apreendê-lo objetivamente, mas como um ato de descortiná-lo (GARNICA, 1997, p. 114).

Sendo assim a investigação vai além da aparência, ela busca dentro da subjetividade que a fenomenologia nos permite utilizar, para uma liberdade maior durante minha investigação, pois:

> Fenômenos nunca são compreendidos sem que sejam inicialmente interrogados: disponíveis na percepção, são questionados e, na perspectiva fenomenológica, qualquer forma de manifestação ou objetividade implica um relacionamento intersubjetivo. O questionamento põe-nos frente ao manifesto, em atitude de abertura ao que se mostra, na intenção de conhecer, própria da consciência. O fenômeno, assim, é sempre visto contextualizadamente (GARNICA, 1997, p. 114).

O fenômeno não será estudado de forma isolada, mas será contextualizado com as relações que o jovem estabelece em seus locais de convivência, para entender o porquê dos seus gestos, jeitos de se vestir, jeito de falar, o uso de alguns acessórios ou qualquer coisa ligada ao estilo musical Rock, pois, em cada lugar nós como pessoas tomamos posturas diferentes.

O estudo foi realizado na cidade de Belém do Pará, com jovens ligados a uma banda de Rock. A pesquisa foi feita em ambientes não escolares por exemplo praças, bares, casas de show, shoppings e nas suas casas se preferirem e em um local escolar que foi em uma universidade, pois era um ponto de encontro melhor para os entrevistados. Buscava entender a relação deles fora do ambiente escolar, mas mesmo sendo fora de uma instituição de ensino, a sua relação com o estilo musical vai interagir de alguma forma com a sua educação formal e através da entrevista almeja-se identificar essa relação.

Para fundamentar a pesquisa utilizo de fontes bibliográficas, e entrevista com jovens músicos, vinculados a uma banda de Rock, na faixa etária de 18 a 29 anos.

A pesquisa foi realizada a partir das seguintes etapas:

1° Observação inicial: para iniciar a aproximação com os jovens da banda de Rock, irei aos seus shows e enquanto estiver no espaço em que eles estão tocando, será realizada a observação inicial, para conhecer o estilo de Rock que eles tocam, ver o jeito que eles se vestem, a forma que eles se apresentam, ver o local, as pessoas que vão ao show, observar tudo, já que a observação:

> é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 190).

Onde essa observação inicial, ajudaria na escolha de quais daqueles jovens poderia entrevistar para obter mais dados através da entrevista narrativa, visando estimular o entrevistado a contar uma história sobre algo importante na sua vida e contexto social e entender um pouco a respeito dos seus espaços de sociabilidades, porém, devido a alguns contratempos essa etapa, não pode ser feita. Então a localização dos jovens vinculados a uma banda de Rock, se deu através do apoio das mídias sociais.

2° Entrevista narrativa (EN): conforme os autores Jovchelovitch e Bauer (2002) a EN tem como ideia “reconstruir acontecimento sociais a partir das perspectivas dos informantes, tão diretamente quanto possível” (p. 93), a partir do que for dito pelos entrevistados, pretendo compreender melhor sua relação com o Rock, com a banda, com as pessoas com quem ele convive e como a educação ficou vista por ele depois do contato com o estilo musical, já que:

> a entrevista narrativa não foi criada com o intuito de reconstruir a história de vida do informante em sua especificidade, mas de compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia. Os princípios básicos dessa técnica de coleta de dados, que busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências (WELLER, 2009, p. 5).

Assim, para se fazer a entrevista narrativa e para que aconteça essa quebra com a rigidez das entrevistas estruturadas, é necessário seguir as fases que a entrevista narrativa traz consigo, que seriam 4 para se realizar o levantamento de dados:

Fases	**Regras**
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanetes
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para

	narração Emprego de auxílios visuais
2. Narração central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração
3. Fases de perguntas	Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fala conclusiva	Pare de gravar São permitidos perguntas tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

(JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 97).

Para preparação da entrevista, há a necessidade que o pesquisador tenha uma familiaridade com o campo de estudo, logo se faz necessário uma análise bibliográfica e documental sobre a temática antes de se fazer o roteiro o da pesquisa.

Para a realização da primeira fase da EN, a iniciação, deve-se explicar para o entrevistado o tipo da entrevista que vai ser feita, o que ela objetiva, pedir permissão para gravar, que se faz importante para fazer uma análise mais adequada posteriormente:

> A introdução do tópico central da EN deve deslanchar o processo de narração. A experiência mostra que, a fim de eliciar uma história que possa ir adiante, várias regras podem ser empregadas como orientações para a formular o tópico inicial:
>
> - O tópico inicial necessita fazer parte da experiência do informante. Isso irá garantir seu interesse, e uma narração rica em detalhes.
> - O tópico inicial deve ser de significância pessoal e social, ou comunitária.

> - O interesse e o investimento do informante no tópico não devem ser mencionados. Isso é para evitar que se tornem posições ou se assumam papéis já desde o início.
> - O tópico deve ser suficiente amplo para permitir ao informante desenvolver uma história longa que, a partir de situações iniciais, passando por acontecimentos passados, leve à situação atual.
> - Evitar formulações indexadas. Não referir datas, nomes ou lugares. Esses devem ser trazidos somente pelo informante, como parte de sua estrutura relevante (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 98).

Então no encontro com os entrevistados, expliquei mais uma vez sobre como seria a entrevista (que fui autorizado pelo entrevistado a gravar em áudio), falando que não há um limite de tempo definido, fomos para um local silencioso e foi feita a pergunta inicial e iniciara a narração. Onde se iniciou a segunda fase na narração central, não se dee fazer interrupções na fala do entrevistado, o pesquisador deve se manter não deve fazer nenhum comentário, devendo se restringir apenas a escuta ativa e ao apoio não verbal ou paralinguístico, demonstrando interesse na narração. Assim, “o entrevistador pode, contudo, tomar notas ocasionais para perguntas posteriores, se isto não interferir com a narração” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 99).

A terceira fase, a dos questionamentos, se inicia quando a narração central chega ao fim, quando sinalizado pelo entrevistado. Onde a pesquisar volta com as questões exmanentes traduzidas em imanentes, empregada com a linguagem da pessoa entrevistada, para completas as lacunas da história, onde essas perguntas se iniciam geralmente com “como”, ”você pode falar mais sobre tal coisa”, coisa essa, seria algo que se considera relevante para pesquisa, pouco falada pelo entrevistado. logo:

> Na fase de questionamento, três regras básicas se aplicam:
> - Não faça perguntas do tipo “por quê?”, faça apenas perguntas que se refiram aos acontecimentos, como: “O que aconteceu antes/depois/então?” Não pergunte diretamente sobre opiniões, atitudes ou causas, por isto convida a justificações a racionalizações. Toda narrativa irá incluir determinadas justificações e racionalizações; contudo, é importante não investiga-las, mas ver como elas parecem espontaneamente.
> - Pergunte apenas questões imanentes, empregando somente palavras do informante. As perguntas se referem tanto para acontecimentos mencionados na história, quanto tópicos do

> projeto de pesquisa. Traduza questões exmanentes em questões imanentes.
> - Para evitar um clima de investigação detalhada, não aponte contradições na narrativa. Esta é também uma precaução contra investigar a racionalização, além da que ocorre espontaneamente. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 99 - 100).

A quarta fase se constitui com a fala conclusiva, quando o gravador é desligado, geralmente acontecem discussões interessantes entre o entrevistador e entrevistado, de uma forma mais informal e descontraída.

> Durante esta fase, o entrevistador pode empregar questões do tipo "por quê?" Isto pode ser uma porta de entrada para a análise posterior quando as teorias e explicações que os contadores de história têm sobre si mesmos ("eigentheories") se tronam o foco da análise (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 100).

Nesse momento, podemos nos aprofundar mais na temática, pois quando a entrevista deixa de ser algo sério com uma postura a se tomar, o entrevistado se sente mais à vontade para falar e explicar mais as coisas, pois, alguns podem ficar preocupados em falarem demais durante a entrevista para não tornar algo longo e pelo fato do entrevistador, ter que manter uma postura e não poder se expressar da forma além de mostrar que está ouvindo, isso tudo pode acabar inibindo o entrevistado e ele pode acabar não respondendo nossas perguntas.

Seguindo essas fases, busquei conseguir alcançar as informações necessárias para alcançar os objetivos da minha pesquisa, através da última etapa da metodologia.

A 3° etapa, Análise de dados: a partir da interpretação das entrevistas obtive as respostas aos questionamentos levantados, para entender por meio das experiências vividas pela pessoa como o estilo Rock entrou na sua vida e influenciou na sua formação indentitária, social e educacional. Para se fazer essa análise das histórias obtidas nas entrevistas utilizei de: *a análise temática, a proposta do próprio Schütze e a análise estruturalista*.

Para isso foi feito primeiro a transcrição das entrevistas, utilizou-se a proposta de Schütze, com 6 passos, apresentada por Jovchelovitch e Bauer (2002), o primeiro passo é uma transcrição detalhada. O segundo uma divisão do texto em material indexado e não indexado. O terceiro faz uso de todos os componentes indexados do texto para analisar o ordenamento dos

acontecimentos para cada indivíduo, nomeados por Schuütze de “trajetórias. O quarto, as dimensões não-indexadas do texto são investigadas como “análise do conhecimento” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). O quinto passo, visa compreender o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais. O sexto e último, se faz uma derradeira comparação de casos, trajetórias individuais são colocadas dentro do contexto e as semelhanças são estabelecidas.

A análise temática, se faz como um procedimento gradual do texto qualitativo, onde:

> as unidades do texto são progressivamente reduzidas em duas ou três rodadas de séries de paráfase. Primeiro, passagens inteiras, ou parágrafos, são parafaseados em sentenças sintéticas. Estas sentenças são posteriormente parafaseadas em algumas palavras chaves. [...]. Na prática o texto é colocado em três colunas: a primeira contém a transcrição, a segunda contém a primeira redução, e a terceira coluna contém apenas palavras-chaves (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 107).

E a análise estruturalista, se faz com foco nos elementos formais das narrativas:

> A análise opera através de um sistema de combinações que inclui duas dimensões: uma é formada pelo repertório de possíveis histórias, do qual qualquer história acontecida é uma seleção, e a outra se refere à combinações particulares dos elementos da narrativa. Na dimensão pragmática, ordenamos todos os possíveis elementos que aparecem nas histórias: acontecimentos, protagonistas, testemunhas, situações, começos, fins, crises, conclusões morais; na dimensão sintagmática, estes elementos particulares são organizados em uma sequência que pode ser comparada através de cada narrativa e relacionada a variáveis contextuais. Todo *corpus* especifico de narrativas será mapeado nesta estrutura bidimensional (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 108).

Através desses aparatos metodológicos, busquei alcançar as respostas das minhas questões e através da análise concluir os objetivos propostos pela pesquisa.

3.2. Desafios da pesquisa

O início da pesquisa de campo teve como princípio a localização dos sujeitos em seus respectivos locais que costumam frequentar. E, para concretizar essa localização, utilizei instrumentos que facilitassem a procura e entrei em contato com conhecidos que conhecem alguém que fizesse parte de uma banda de Rock. Como exemplo desses instrumentos, usufrui do auxílio que as redes sociais nos proporcionam, divulgando em páginas sociais a minha linha de pesquisa e pedindo a assistência para que compartilhassem a minha busca.

Porém, mesmo após a divulgação nas redes sociais, tive certa dificuldade para encontrar com os sujeitos, os mesmos encontravam-se dispostos a contribuir no trabalho, porém, estavam atarefados com os deveres da banda, defrontando-me com apenas 3 músicos que puderam ajudar no desenvolvimento do trabalho, sendo 1 de uma banda de Rock Hardcore, 1 de uma de Rock Progressivo Psicodélico e o outro de uma de *Rock Heavy-Folk Tribal*[7]. Assim, devido aos impasses e as dificuldades, puder concretizar apenas três entrevistas, e em meio a estas entrevistas, também encontrei problemas com relação a disponibilidade nos horários, pois muitos argumentaram estar atarefados com atividades referentes a sua banda, então, ocorreram muitos reajustes quanto ao dia, o horário e o local, para que assim pudesse ser realizada a entrevista.

Ao solicitar as entrevistas, foi unânime da parte dos sujeitos indagar quanto a duração, ao qual eu respondi que não poderia estabelecer um tempo concreto para o término, pois iria depender da forma como procederiam os depoimentos dados pelos mesmos. Outra indagação, foi quanto ao número de perguntas e sobre quais assuntos elas abordariam, ao qual eu respondi que estariam presentes no roteiro de perguntas que eu detinha, porém no decorrer da entrevista poderiam surgir outras a partir dos relatos dados, e que as perguntas estavam relacionadas a sua relação com a música.

As entrevistas tiveram em média a duração de 20 minutos, com exceção de uma, que teve a duração de 1 hora e 12 minutos, onde a mesma ocorreu num shopping da cidade, e as outras duas na universidade pública onde os entrevistados estudam, ambos fazem uma licenciatura.

[7] Pelo que foi explicado pelo jovem, seria um Rock da vertente do Heavy-metal, mas que se une ao Folk e ao som feito por tribos indígenas da região amazônica.

Os três jovens entrevistados, tiveram total discrição com respeito aos seus nomes, onde os nomes empregados a eles serão nomes fictícios e as idades, são as mesmas que foram informadas ao pesquisador no momento da entrevista, feita com os mesmos.

Com o objetivo de obter uma maior descrição quanto as vivências e experiências por parte dos entrevistados, procurei estimula-los a pensar e a se expressarem livremente sobre os assuntos em questão. Deste modo, constatei que durante os relatos, os sujeitos transpareciam estar tranquilos e interessados na temática da pesquisa, expondo, assim, opiniões críticas, mas as vezes traziam coisas meio vagas e eram bem objetivos em alguns momentos ao serem questionados sobre as suas relações dentro da sua vivencia com o Rock e a partir da entrada nas bandas que atualmente participam.

CAPÍTULO 4: FILHOS DE UMA *LEGIÃO*

O capítulo intitulado “Filhos de uma *Legião*”, gira em torno da análise de trecho das entrevistas feitas com três jovens roqueiros e o nome vem a partir da referência dos próprios entrevistados, que falam que seus pais ouviam a banda Legião Urbana, cuja a mesma influenciou eles dentro do mundo da música, por isso é dado esse nome ao capítulo, que vai discutir acerca dos espaços de sociabilidade e a educação desses jovens roqueiros entrevistados.

Os entrevistados foram Samuel, 23 anos, guitarrista de uma banda de Rock Hardcore, formado em radiologia e pela cronologia da sua narrativa seria um curso técnico. O Junior, 18 anos, guitarrista da banda de *Rock Heavy-Folk Tribal* e graduando em matemática. E Alexandre, 20 anos, baterista da banda de Rock Progressivo Psicodélico e graduando em licenciatura em história.

4.1. Espaços de sociabilidades e educação

Iniciando a análise de dados, a partir das falas dos entrevistados, vem a categoria espaços de sociabilidade e educação, pois durante essa análise se faz em vários momentos essa discussão, que a relação com a música se inicia com sua família, não por ter algum músico na família, mas pelo fato dos pais ouvirem muita música e de certa forma incentivarem seus filhos a aprender a tocar algum instrumento, logo:

> A família e a escola são instituições clássicas, que, embora vivenciem substanciais mudanças nas sociedades contemporâneas, atuam de maneira interdependente na trajetória de vida dos jovens. Constituem espaços socioculturais importantes, pois estabelecem redes de interdependência, contribuindo para a formação da juventude e seus processos de identificação. Com elas, apreendem *habitus*, incorporam disposições psíquicas, cognitivas, culturais e morais, mediante experiências vivenciadas em processos educativos (GUIMARÃES; DUARTE, 2011, p.148)

Mas nesses casos a família, não se mostra com uma instituição, ela aparece como um espaço de sociabilidade para esses jovens, que tem um papel fundamental para a formação de um jovem, assim ela se faz como um lugar, que se torna uma parte da formação do jovem, não em sua totalidade, mas numa porcentagem do que ele é.

Então imagine para que aquele jovem, que deseja adentrar o mundo da música, algo que é dito pelos músicos, que não é um ramo fácil, ter o incentivo dos seus pais para eles fazerem o que eles gostam, é algo totalmente estimulante, pois acaba desfazendo um discurso que ainda há de que quem faz música é quem não tem o que fazer, mas trago nas falas desses jovens que eles tiveram de certa forma um apoio dos pais para o ingresso no mundo da música:

> Pois é, é.... comecei a interagir com a música, cara.. Desde moleque, com a minha mãe, meu pai.... eu sempre fui de ouvir rock em casa, né?! É.... Cazuza, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso. Sempre tive essa base musical, aí já fui me ligando com isso aí.... aí meu pai e minha mãe sempre falavam isso aí "Ah.... seria bom se tu fosse musico, né?! Que tu investisse em música, que tu gosta" e eu ficava sempre batucando nas coisas, tipo sempre tive aquela coisa de ficar vendo guitarrista tocando, baterista. Aí meu pai falou "Ah, vamo aprender a tocar bateria? Tu não tá afim?". O primeiro instrumento que peguei foi bateria tinhas uns 11 anos por aí, 10... 11... aí comecei a tocar bateria, né?! só que eu não levava muito a sério ainda, porque não era minha praia mesmo, assim, hoje eu toco bateria, gosto muito de bateria, faz parte da... da... da... de como construir uma música, tem que tá com a base da bateria (Samuel).
>
> Cara! Eu... bom... posso dizer que isso veio de família, meu pai ele sempre curtiu rock, ele mais a parte nacional e minha mãe mais aquela coisa internacional, né?! Então eu... por viver mais com minha mãe, moro com ela, fui mais pra parte dela no caso. Eu comecei com Nirvana e tal... Logo de cara comecei a tocar violão e isso daí já puxava o gosto musical, só queria saber de tocar Nirvana, Legião Urbana e tal... principalmente Nirvana. Aí eu fui evoluindo ganhei minha guitarra elétrica e tudo mais. Minha mãe sempre, sempre, fui acompanhado pela minha mãe ou pelo meu pai, então... quando eu saía pra algum evento era sempre com eles, hoje em dia já saiu mais sozinho (Junior).

Nesse momento se mostrou a importância dessa relação família jovem a que, a que os mesmos pertencem, onde houve esse incentivo, que se tornou essencial para que os jovens ingressassem no mundo da música desde crianças, até os dias de hoje, o amor pela música foi se construindo a partir dessa relação que dá base ao seu gosto musical. Entretanto esse gosto pela música não se dá apenas pelas relações familiares, mas também através de outras pessoas e outros espaços de sociabilidades:

> Então eu fui, comecei a tocar bateria com 10 anos, né?! Aí! 1 ano depois, né?! Aí... foi a mesma época que meu pai faleceu também, nessa época a gente tava na igreja, aí vi meu pastor tocando guitarra, falei "Pô, como é que ele tira aquele som? Como é que deve ser?

> Deve ser bacana esse som. Eu quero vê como é que é", aí eu perguntei se ele me ensina a tocar e tals. Só que ai quando eu fui lá, já tinha um pessoal tocando e o cara falou "Ó, pra ti aprender tu tem que primeiro pegar o violão", aí eu falei "Mãe! Quero aprender a tocar violão" só que eu não tinha violão em casa só baqueta, da bateria né?! Até hoje eu tenho essa baqueta, até hoje eu tenho minhas primeiras baquetas em casa. Aí.... eu fui, aí eu tinha meu primo que começou a tocar violão na mesma época, eu ia pra casa do meu primo vê ele tocar, ficava vendo e ele aprendendo e eu vendo falei "vou aprender então, é fácil é bacana" comecei a fazer ali no meu braço, mano, pegava cabo de vassoura essas coisas comecei a imitar o que ele tava fazendo. E foi com um amigo do eu pai... na época, meu pai que tinha acabado de falecer, o amigo do meu pai chegou comigo e falou, né?! É.. falou "cara, fiquei sabendo que tu tá aprendendo a tocar violão, vou te dá um violão. Tu tá afim?", aí eu "Quero!", aí eu ganhei com 12 anos, quase pra fazer 13, com 12 anos aí, ganhei o violão com 12 anos (Samuel).

> minha principal inspiração de princípio, foi o Kurt Cobain do Nirvana, (inaudível), assisti o show através do meu pai, gostei pra caramba... aí... ele tinha um violão, ele tava aprendendo a tocar ainda e ele falou "eu não tenho tempo filho" e passou pra mim, me deu o violão dele. Aí peguei lá passei uma meia hora, tentando pega o solo de (inaudível) war e consegui, vi que me identifiquei com aquilo e não consegui mais parar de tocar, assim no primeiro ano, no primeiro ano que comecei a tocar violão, depois não parei mais de tocar, deixei dá calo... e... Kurt Cobain foi minha inspiração, depois Jimi Hendrix, gosto muito de Jimi Hendrix e Angus Young do AC/DC, tô sempre tentando tirar os solos do AC/DC e tal... acho que essas foras minhas primeiras inspirações Angus Young, Jimi Hendrix e Kurt Cobain (Junior).

> Eu fui cristão, da Assembleia de Deus durante, até meus 17 anos, então meu contato com música era constante e tals, eu tinha alguns tios que tinha um grupo de música gospel... e tinha um tio meu especifico, o tio Walber, que ele gostava muito de Rock e ele gostava de uma banda de rock gospel, que era a Oficina G3. E ele começou a me levar pros shows... quando eu ainda tinha, sei lá, uns 11 anos, 12 anos... aí comecei a ir, depois ele foi me apresentando outras bandas e eu fui ouvindo... e aí eu comecei a ter gosto por Rock.... é.. mas.., eu só voltei a tá mais ativo mesmo, já depois de ter saído da igreja, porque, até eu sair da igreja eu estudei música durante um tempo na igreja, depois no Carlos Gomes, mas só que eu tocava clarinete, mas clarinete é um instrumento que não tá muito, não tem muito a ver com rock, metal, então... eu praticava mais com jazz, música clássica, com gospel. Então quando eu saí da igreja, eu já tinha afinidade com a bateria, eu já tinha parado de tocar clarinete, tava fora da igreja... aí comecei a treinar mais bateria e em 2015 comecei a tentar desenvolver um projeto de banda, só que não deu muito certo, aí no final de 2015... é.. lá em Icoaraci tava surgindo umas bandas no cenário de rock psicodélico e entre essas bandas, tinha uma banda que era a Velhos Cabanos (Alexandre).

A educação ligada com a música ocorreu de outras formas, pois não só dentro de casa se dá a formação da identidade e pertencimento a grupo, onde dois entrevistados destacam de certa forma inspirações de pessoas que frequentavam os seus espaços e um deles a questão dos artistas já

consagrados os quais são vistos como ídolos por muitos roqueiros. Isso faz com os jovens queiram ser que nem eles e os que são músicos começam a estudar mais sobre a música para fazer algo similar ao dos grandes nomes do Rock e quando o jovem consegue fazer o que eles fazem é algo totalmente empolgante, pois ele sente que fazer música não é tão difícil quanto parece, mas sem desconsiderar o fato de que se precisa estudar e praticar muito.

Samuel e Alexandre, falam sobre a igreja, onde Samuel desperta o interesse por um novo instrumento musical e o Alexandre destaca o fato, de ser dá igreja o levou a ter um contato constante com a música, mas essa não era o Rock, era outros gêneros, já que ele tocava clarinete e ressalva que é um instrumento que não se volta para o estilo do Rock, mas não desconsidera seu aprendizado sobre música e teoria musical, que obteve dentro da igreja e no conservatório de música, porém, o seu gostar do Rock, sofria represarias pela igreja:

> eu saí da igreja faz 3 anos, então dentro do âmbito da Assembleia de Deus, principalmente que ainda é uma igreja um pouco fechada e tal... ainda há muita restrição com o gênero Rock. O Rock ele ainda é mal visto, sempre relacionam com coisas satânicas e tudo mais, é.... e eu sofria retaliação porque, era o estilo que eu mais gostava, antes de eu tocar clarinete e conhecer mais sobre jazz, música clássica, era o estilo que eu mais gostava (Rock), a banda que eu mais gostava era o Oficina G3, que era uma banda gospel, mais de Rock e metal... na minha igreja, era impensável que se tocasse Oficina G3, porque era Rock (Alexandre).

O Rock, dentro desse espaço viria a ser uma contra-cutulra, a cultura que já vigorava na igreja, que como foi destacado ainda se mantém um tradicionalismo, já que o movimento que trouxe o Rock para dentro dos muros dessa instituição foi o pentecostal, mas no momento que o Alexandre saiu da igreja, fez com que se acabasse um certo conflito entre gerações. Porém, essa relação com a igreja se deu de forma diferente com Samuel, pois dentro da igreja que ele fazia parte, o mesmo podia fazer o Rock gospel, que já mostra mais uma vez que congregações, tem concepções diferentes, costumes e utilizam das culturas existentes dentro da sociedade de formas diferentes.

> E na mesma época (a que o pai faleceu) minha mãe me apresentou uma banda e falou “Olha aqui filho, essa banda Oficina G3”, pô, uma banda bacana de rock e eles tocam na igreja, né?! Tu conhece eles? Comecei a ouvir e me encantei pela banda e fiquei “Cara! Quero fazer

> um lance desse aí também, quero tocar guitarra que nem esse cara aí o Juninho Afram", comecei a estudar sobre ele, tudo o que ele fazia, tudo que ele estudou, eu comecei a estudar também.... e foi comecei a estudar guitarra, levando a sério mesmo tudo e.... e.... foi que eu nesse, mesmo ano, peguei minha primeira banda que era da igreja, começamos a tocar cover do Oficina G3, começamos a tocar, tocar... e ao mesmo tempo eu já tocava em bar, pra ganhar um dinheirinho a mais, eu já tocava em barzinho, ia pra barzinho tocar, né...?! Aí de feira de escola, passei pra igreja e provar. (Samuel)

Através da fala do Samuel, podemos ver a questão do Rock na igreja, nesse espaço de socialização que foi utilizado por dois dos jovens entrevistados, que atualmente encontram-se fora desse âmbito. Enquanto não se podia fazer Rock em um espaço, podia se fazer em outro, em lugares com gerações próximas em experiências umas das outras, mas os movimentos religiosos dentro delas eram diferentes, ambas são igrejas evangélicas, mas tomam o Rock com uma postura distinta. Uma nega a aproximação com esse estilo que é tão ligado a juventude, a outra utiliza como uma estratégia para aproximar os jovens do seu espaço, mostrando o poder que outros espaços tem de trazer o jovem para perto dela, não só através dos seus pais e mães, que já vem como algo hereditário, mas devido ao estilo musical consegue trazer o jovem para perto.

Dentro desses espaços, vai acontecendo mais trocas de experiências, ideias e aprendizado, onde o jovem aprende com outros iguais ou com gerações mais antigas, que atuam no seu desenvolvimento juvenil e mostra que para isso ocorrer não se necessita de um local com uma forma de educação formal. Muitos músicos que se tornam reconhecidos de forma internacional, muita vezes nem possuem um diploma de uma educação formalizada, já que em muitos casos eles vem de uma situação crítica, no sentido de terem vivido e crescido em uma periferia, em zonas de tráfico, altos índices de marginalidade, violência, não tem um acesso efetivo a escola e serem pobres, podendo muita das vezes ir apenas a igreja nos domingos que dependia da tradição da sua família, onde lá aprenderam a cantar e tocar algum instrumento.

E mais um ponto que devemos suscitar é a questão do preconceito com estilo musical Rock, ele não deve ser visto como algo apenas mundano ou como coisa do demônio, através dos olhos de pessoas que são guiadas por algum tipo de religião, já que ele é usado dentro de algumas igrejas, que dão

um novo significado ao estilo e com isso de certa forma ganhou mais seguidores.

Mas dentro da fala do Samuel se destacou, um momento que de certa forma foi crucial para a definição da trajetória que o jovem seguiria, onde ele relata sobre a promoção de um evento musical feito por uma escola em que ele fez uma passagem, ele não especifica se estudava na mesma, já que ele pode ter ido nela devido apenas pela promoção do evento ou por outro fator:

> Passei por uma escola que tava tendo tipo, um.... hmm.... não era uma concurso, mas era tipo uma feira de música, ai.... tinha que apresentar uma música lá, aí falei “Ah, vou fazer né?! Vou vê se eu tenho essa vocação pra tocar” fiquei “Será que consigo tocar no palco com o pessoal olhando? Vou lá tentar”. Foi que eu tentei e cara, foi muito fácil. Eu me dei muito bem, comecei a tocar e o pessoal gostou, o pessoal de uma... de um.... os professores gostaram. Então a gente começou a.... a... aí eu comecei a andar com eles (professores), digamos assim a ser convidado pra tocar com eles, ir em pizzaria [...](Samuel).

Aí se iniciou novas relações sociais, que se dava junto com os professores, que não se deu pelo fato de terem idades quase iguais, mas pelo fato dos professores serem músicos e o chamarem para fazer apresentações musicais. A relação com os jovens não se dava pela profissão exercida por eles e sim pelo o que são. Ser professor aí é algo secundário nos locais além da escola onde se deu o contato inicial com os estudantes. E partir dessa relação com os professores, de ir em locais além da escola para tocar, pode-se dizer que a carreira musical do jovem se inicia nesse momento.

Algo parecido acontece com Junior, pois, quando ele começa a curtir Rock e fazer música, ele começa a interagir com pessoas mais velhas, onde pode-se remeter a questões geracionais visto por Mannheim, através de Weller (2010, p. 208), que as gerações deixam de ser vista como fatores de tempo ou idade, mas como algo que transcende esses dois marcadores, mas que se pautam no tempo interior e qualitativo de cada ser. E que no caso, do jovem Junior, deixa de forma mais explicita em sua fala, a troca de experiência entre gerações, que seriam com pessoas mais velhas em idade:

> o cenário de Rock aqui em Belém, é o seguinte não é que seja só jovens, não importa a idade da galera, todo mundo se sente jovem

> ouvindo Rock e eu tenho amigos assim, de 40 anos, 45 que curtem Rock comigo, amigos da mamãe, do papai, que os 2 vão junto comigo pra eventos. Então a gente meio que se sente igual, não tem essa diferente de idade, porque o metal faz isso contigo, é meio que uma honra pra ti, tu ter um amigo mais experiente de banda, porque ele foi em show de bandas que tu nem tinha nascido, né? Shows que tu não poderia ir porque, tu era de menor, como esse por exemplo do Iron Maiden (mostra a camisa), essa aqui é a camisa do papai, ele que foi. Aí é isso, tu vai absorver a experiência das pessoas que estão e sempre estiveram lá e procurar fazer o teu... porque é sempre bom tu ser autônomo na tua música e mesmo como ouvinte procurar bandas novas, pra apoiar o cenário atual, sempre tem que ter algo novo pra ti sempre poder manter o rock vivo (Junior).

Como traz Dayrell (2007, p. 1111) a turma com que os jovens se reúnem, interagem, trocam ideias, essas trocas de experiências vão criando a individualidade de cada um e vai formando um coletivo, o qual se destaca tanto que é o do Rock, por eles terem uma forma de manifestar o que eles são através da vestimentas, cabelo e música que escutam. E essas relações, de fato são evidentes quando vamos ao um show de Rock, vemos jovens interagindo com pessoas mais velhas e as mesmas vestindo a camisa da banda que vai tocar e de outras bandas, criando um contraste entre vários gostos e diferenças de cada um. É interessante notar que dentro do estilo se for Rock, não tem porque ter preconceito, já que a um respeito entre eles, já que todos estão juntos ali por um motivo, que é pela música.

> Comecei a conhecer mais gente, fui tendo mais conhecimento em relação a música, né?! Como tocar tal música, como fazer isso e... e... sem ir deixando pra traz o que eu aprendi com minha família, o que eu falei que foi o carimbó, né?! Que eu já fui levando isso comigo, que eu já tocava carimbo é.... já tocava mpb, fui tocando de tudo. Com 16 anos, tocava um monte de coisa aí falei: “Quero isso aqui pra mim, decidi quero isso aqui pra mim, quero ser músico”. É.... não quero ser outra coisa.... posso até ser, mas eu prefiro ser músico. Aí tipo, começou a falar, comecei a tocar em bar e senti aquela dificuldade que todo músico passa, comecei a sofrer também pelas dificuldades, só não sofria tanto, porque digamos eu não tinha uma independência “Ah, eu moro sozinho”, morava com minha mãe ainda, então eu não sofria tanto assim, né?! É.... Dificuldade (Samuel).

A partir da música o jovem vai conhecendo mais pessoas e vai trocando ideias e experiências, isso vai se refletindo mais no aprendizado e na formação da identidade[8], onde se faz a escolha de ser músico, mesmo sabendo que não

[8] Ciampa (1987) entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos” (DE FARIA; TREVISAN DE SOUZA, 2011)

é fácil ser um artista, principalmente em Belém, onde podemos ver que a oferta de atrações culturais é pouca e quando se tem são dados preços altos para os ingressos e isso faz com que a participação da população em eventos culturais seja pequena.

> Égua cara, é difícil, é mano... é difícil essa vida, mas eu gosto dessa vida, eu tô gostando dessa vida, eu tô amando essa vida, essa vida de músico eu quero pra mim, é difícil mas eu quero, não é impossível. Aí comecei a me inventar na música, com o Rock, comecei a conhecer a galera do Rock, da cena de Belém. Aí também já fui com é.. 17, 18 anos por aí, já fui... comecei a passar por um monte de evento de Rock, na cena de Belém, que tava, digamos, no auge nessa época. E foi nesse mesmo ano, que eu tava no auge do Rock, bem reconhecido já, digamos, e... eu fui pra Goiânia, fui estudar pra lá, fui trabalhar pra lá, radiologia, que ao mesmo tempo eu passei em radiologia, fui estudar e trabalhar pra lá. Aí eu meio que larguei um pouquinho a música, mas não tanto né?! Que eu tive que começar a arrumar outro emprego. Num bar! Comecei a trabalhar num bar em Goiânia. Aí comecei a conhecer a galera do sertanejo, né?! Do sertanejo universitário, que lá é febre. Aí falei: “Cara! Tô aqui, né mano?! Ainda não conheci o pessoal do Rock, ainda não interagi com ninguém que tenha uma banda de Rock, então eu vou participar disso, vou fazer isso agregar ao meu conhecimento, vou tocar isso”. Aí comecei a tocar sertanejo e fui.... (Samuel).

Mesmo ocorrendo uma separação momentânea com sua carreira de músico em Belém, devido a estudo em outro Estado, ele não deixou a música totalmente de lado, mas dada a uma cultura estadual diferente e por não conhecer pessoas, ele não pode manter sua forte ligação com o Rock, mas por não querer ficar longe da música se juntou com um os que são ligados ao estilo do Sertanejo, grupo que outros jovens que são ligados ao Rock, preferem não ter muito contato, mas por precisar de um trabalho Samuel, precisou se juntar a eles.

> Quando eu voltei pra Belém, eu voltei pra voltar com minha banda, né?! Aí voltei com minha antiga banda, aí já conheci outra galera que tocava forró. Aí pô dá dinheiro, minha banda, ainda não tá ganhando dinheiro, quero uma parada que dê dinheiro também, aí eu fui pro forró. Aí do forró já fui pro reggae, também (Samuel).

Na volta a Belém, se reiniciou a antiga banda de Rock, mas já se foi conhecendo pessoas de outras culturas e pelo fato da banda de Rock, não ser o suficiente para lhe sustentar, mas o jovem tem consigo um conhecimento

múltiplo, ele não fica só com o Rock e através desse conhecimento ele se juntou com as bandas dos outros estilos musicais, os quais estão muito em alta na mídia, que um deles seria o forró. Essas relações se deram a partir de uma necessidade financeira, feita apenas para saciar um anseio jovem, o de ter uma certa autonomia e de depender menos dos pais.

> chegou numa hora que pensei “Cara! Não dá mais! Vou ter que investir mais na minha imagem de músico”. Aí.... foi que deu, como fala assim chegou numa hora que eu falei “Não dá mais pra ficar assim, vivendo de tocar de graça, vou investir em outra coisa”, vou fazer uma parada mais comercial, digamos, vou criar umas músicas pra.... não pra me agradar e só mostrar que sei tocar, mas pra agradar a galera. Já passei por tanta coisa e tudo que eu toquei, todo mundo gostou e eu tocava pro pessoal gostar, tocava forró, tocava reggae, porquê o pessoal gostava, então eu vou fazer a mesma coisa, tocar um Rock que a galera tá pedindo e veio Hardcore, só que minha antiga banda não tava afim de fazer isso, aí eu falei, então: “Já que eu tô fazendo sozinho vamo parar”. Aí foi que alguns integrantes saíram da banda, aí falei: “É mano.... eu vou para, vou fazer outra coisa”, aí falei: “Bom! Sozinho eu não fico”, sem banda eu não fico, todo mundo me conhece então, é... uma hora vai aparecer alguém . então na mesma hora que acabou a banda, eu falei: “Acabou a banda!” (Samuel).

Depois do Samuel viver uns anos dentro do mundo da música, sente necessidade de se promover, do gostar de Rock, se faz uma questão comercial da música, a necessidade de ganhar dinheiro com o Rock. Isso mostra a dualidade de se fazer música “por amor”, mas no mesmo momento se mostra a real necessidade de ir além. Ele vê a necessidade de receber algo em troca pelo o que faz, pode-se dizer, que ele decide fazer um produto para o mercado consumidor o qual seria sair do estilo de Rock que tocava, indo para vertente do *Hardcore*, para atender à necessidade nesse mercado.

> Divulguei pra galera que conhecia a gente e veio um cara, um amigo meu e me chamou: “vamo fazer esse lance, esse lance que tu teve a ideia do Hardcore, eu também quero fazer, mas quero fazer pra ganhar dinheiro, pra viver disso, pra viver de banda, pra ser um artista mesmo que vive da música”. – “É? Então vamo!”. Foi que, que, a gente colou junto e tamo fazendo o que tamo fazendo hoje, a gente começou em 2016 e tamo em 2017 já, com carrão de sena, digamos assim e seguro na parada, justamente pela experiência que eu tive e conseguiu segurar, que a gente não chegou amador, a gente chegou novo, a gente não chegou amador. Então a gente tá segurando até agora entendeu. Então é.... minha vida de músico é tudo isso aí, muita coisa mesmo, cara (Samuel).

Feita a divulgação, logo aparecem pessoas com interesses em comum, para se fazer um grupo, no qual vai se fazer a troca de experiências, fazendo nascer algo novo, para um público que irá consumir dessa cultura, que vai fazer o trabalho desse grupo se manter na cena musical de Belém.

> Eu posso até fazer, mas eu não vou fazer com o mesmo amor que eu faço, né. Tipo, radiologia, eu gosto , eu gosto pra caramba de radiologia, eu sou formado, eu gostei do trampo, é um trampo bom, mas eu não vou fazer com o mesmo amor que eu faço a música, sabe?! Eu vou... eu passei por tudo isso, pra chegar uma hora e dizer "aaah... não vou mais fazer isso". Não! Eu vou continuar, tá dando tudo certo, cara, graças a Deus, tá indo tudo bem e... comecei na música, com isso mano. Com.. uns 10 anos eu comecei a conhecer o mundo da música e com uns 13 anos eu comecei a viver esse mundo da música, né?! Que é sentir na pele o que é ser músico, é bom e pra quem gostar de música a dificuldade faz parte e o cara já entra sabendo que vai ser difícil ser reconhecido, ter um trampo bom né?! E.. ao mesmo tempo que ele sabe que é difícil, ele gosta do que tá fazendo e ele quer amar o que tá fazendo, que se ele não amar o que ele tá fazendo, ele não é músico e ele não merece tá ali, sabe?! É.. então é, essa é minha vida de musico e é que eu passo hoje em dia nas minhas músicas, de tudo que eu peguei, eu passo hoje em dia, né?! O que tem nas nossas letras hoje em dia, já até te falei, que as letras das músicas, das letras, dos temas que a gente passa pra galera, até conversando com ela também, a gente fala "mano, não desiste, é isso [...]"(Samuel).

É interessante notar, o ponto que é levantado várias vezes, que para ser músico tem que ter o "amor" pelo o que se faz, pois vai se passar por dificuldades, chega o ponto de dizer "não vou fazer mais isso", mas por gostar do que faz, continua e, através das suas músicas, o grupo tenta transmitir toda essa vivência e experiências, que cada um já viveu e nos momentos dos seus shows, entre músicas. Geralmente há um momento para a fala, que seria a conversa com o público, uma forma de interagir com ele, além de usar música, mas trazendo um discurso, no qual ele destaca, que mesmo havendo muitas dificuldades, as pessoas não podem desistir de fazer aquilo que tem como uma filosofia de existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos esse trabalho com a visão de que a juventude, é um campo que necessita estar sendo investigado pela academia, para se manter, de certa forma atualizado, sobre o que é ser jovem, pois, esse modo de ser está mudando cada vez mais rápido. A juventude não tem uma conceituação única, ela é um fruto de diversos fatores, como já foi demonstrado, tais como as dimensões histórico, político, social, econômicas e cultural, que estão sempre sujeitas a transformações e, se o ser jovem depende desses fatores, logo ele é mutável. Assim tratamos a juventude como juventudes e não como uma fase de vida, mas sim uma geração.

As juventudes e os modos de ser jovem, se dão em diversos espaços, então devemos continuar levando o olhar do pesquisador para esses lugares, pois neles se dão a formação de identidade e o pertencimento a algum grupo cultural, mas isso não depende só de um espaço, como podemos ver através das falas dos jovens entrevistados, a constituição deles dependeu de vários espaços e relações com diversas gerações, sejam elas do mesmo tempo, mais velhas ou mais novas, pois, isso faz as gerações se desenvolverem, essas trocas de vivencias e experiências com pessoas diversificadas, vão formando gerações, que vivem num mesmo tempo e contexto sócio histórico iguais, mas se tornam diferente umas das outras pelas suas particularidades.

O que nos leva a mais um ponto. A juventude ainda é uma categoria silenciada, pois, “a juventude é um conceito que apresenta várias perspectivas sobre „ser jovem", um mosaico de concepções que invisibilizam, desistorizam ou minimalizam os papéis sociais destes sujeitos na sociedade” (BASSALO, 2013, p.1). Como foi dito, juventude apresenta várias formas de conceituação, dependendo do espaço que o jovem esteja ele é homogeneizado de alguma forma, onde temos como grande exemplo a escola, onde o jovem é apenas visto como um aluno, um reprodutor dos conteúdos que lhe são transmitidos dentro de sala, se ele está numa praça, por exemplo, manifestando, sua expressão cultural, que o identifica como pertencente a um grupo, seja através da música, dança, de desenhos, símbolos que represente sua cultura, ele é visto como um transgressor, um rebelde, até mesmo como um marginal, pois é

assim que os jovens são taxados pelo senso comum, não é visto por sua capacidade como um ator social, capaz de mudanças no meio em que vive.

Ressaltando o fato de que quando tratamos a Juventude e o Rock, durante o desenvolvimento da pesquisa, não se encontra trabalhos falando especificamente sobre a temática. Para essa pesquisa teve de ser feita a ligação entre textos que tratam a juventude e culturas juvenis, com os textos que falavam sobre o Rock, os quais utilizavam uma abordagem mais histórica. Tal abordagem se fez importante, para se entender as transformações que o estilo passou, até chegar aos dias hoje, porém, na pesquisa foi feito um recorte histórico dos anos 50 até os 70, que é o período que Rock chega ao Brasil. E a partir das leituras e da pesquisa, podemos notar o olhar que o jovem tem sobre o Rock, vai além de um estilo musical utilizado para protesto ou lazer, que é julgado como o “som da rebeldia”, mais sim algo que os une e gera processos de sociabilidades, dentro dos espaços que os mesmos frequentam, gerando também um processo de educacional, através de suas trocas de conhecimentos, com jovens da mesma geração ou de outras, assim como com os adultos, que se cria uma relação com eles devido ao estilo musical e isso é um poder que a música tem, ela move e toca as pessoas.

Dentro desse trabalho, levanto as questões sobre seus espaços de sociabilidades e a educação de jovens, mas aqui iniciei só uma parte de um grande estudo que se dá, já que após ouvir a fala desses jovens pode se trabalhar pontos mais específicos e, um dos principais é a relação com a família e o preconceito que esses jovens sofrem por serem músicos ligados ao estilo do Rock. Se destacou o fato de um músico erudito ter de estudar anos e anos para se aperfeiçoar, mas para um artista do Rock, não ser necessário e até ser totalmente o contrário. Ele também necessita estudar música, mas muitas vezes, esse estudo não ocorre de maneira sistematizada dentro dos muros de um conservatório ou de uma universidade. O aprendizado desse músico se dá em diversos lugares e com auxílio de pessoas que podem ou não podem ser graduadas ou com cursos técnicos em música, onde esse aprendizado se daria apenas nas suas trocas de experiências e habilidades.

A pesquisa mostrou um desafio também, para alcançar os jovens roqueiros, pois, devido a sua participação na banda e tarefas além dela, se fazia muito difícil acertar os momentos para entrevistas, mas isso é só mais

uma coisa rotineira que o pesquisador se defronta e isso nos amadurece como tal, que deseja sempre estar buscando por aquela pulga que está atrás da orelha ou aquela dor de cabeça se não se sabe se é sinusite ou uma questão que você ainda não conseguiu responder.

Tudo que foi discorrido nesse trabalho, mostra-se relevante pelo fato de trabalhar com uma categoria tão grande e rica de conceitos, porém pouco explorada, de um estilo que dá tanto o que falar que é o Rock, desde seus primórdios. Pode-se dizer que foi um grito de resistência e que foi atravessando gerações, apenas ressignificando o seu modo de ser utilizado, um som que era feito por negros nos Estados Unidos em lugares bem reservados para eles, ganhou uma notoriedade mundial, alcançando cada canto desse planeta, onde quase todos reconhecem a grande percussão de “We Will Rock You” da banda *Quenn*. O Rock tem várias faces, a partir do momento que é utilizado por diferentes sujeitos em tempo e espaços diversos, com múltiplas representações de acordo com as gerações que se apropriam dele, ela dá um valor e um significado para o estilo.

Esse trabalho é apenas a ponta de um iceberg, ainda há muito o que se discutir em torno da juventude e o Rock, questões que ainda há em seus espaços de sociabilidades, sua educação e mais questões que vão além disso, que fica livre para todos que tenham interesse pelo assunto discutir, pois, só assim se amplia o conhecimento com mais questões e trazendo respostas para elas.

Referências

ANDREWS, George Reid. O negro no Brasil e nos Estados Unidos. **Lua Nova**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 52-56, junho 1985. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451985000200013>.

BASSALO, Lucélia MB. Jovens mulheres, internautas feministas: um estudo sobre os sentidos e significados acerca das relações de gênero e geração. In: **XXIX Congresso ALAS-Crisis y Emergencias Sociales en América latina**. 2013. p. 1-9.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Identidades juvenis e escola. **Jovens, escola e cultura**. V. 3, p. 153-163, 2000.

CHACON, Paulo. **O que é rock**. Nova Cultural/Brasiliense, 1985.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista portuguesa de educação**, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TRABALHADORES EM TRANSPORTE E LOGÍSTICA. **51 milhões dos brasileiros são jovens, aponta Censo IBGE**. Disponível em: http://cnttl.org.br/index.php?tipo=noticia&cod=3138

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 117-136, 2002.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 51, n. 24, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torna da socialização juvenil. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizonte antropológico**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 49-70, dezembro. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 de maio de 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.

DE SOUSA, Janice Tirelli Ponte; DURAND, Olga Celestina. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. **Perspectiva**, v.

20, p. 163-181, 2002.

DE FARIA, Ederson; TREVISAN DE SOUZA, Vera Lúcia. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, 2011.

ESTANQUE, Elísio; NUNES, João Arriscado. A universidade e os jovens. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 03-04, 2003.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010.

FRIEDLANDER, Paul. Rock and roll: uma história social. **Rio de Janeiro: Record**, v. 65, 2002.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 109-119, 1997.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; DUARTE, Aldimar Jacinto. Juventude e educação: novos processos de socialização. **Revista *Retratos da Escola***, Brasília, v. 5, n. 8, p. 143-155. 2011. Disponível em: <http//www.esforce.org.br>.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: Origens de um diálogo. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 18, n. 43, p. 8-25, Dec. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 maio 2017. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621997000200002.

JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. Editora Nova Fronteira, 1964.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martim W. . Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petropólis: Vozes, 2002, p. 90 – 113.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. **Revista de saberes mandato vereador Arnaldo Godoy**, p. 44-55, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de**

metodologia científica. 5° edição: São Paulo: Atlas 2003.

MARGULIS, Mario. Juventud: una aproximación conceptual. **Adolescencia y juventud en América Latina**, p. 41-56, 2001.

MUGNAINI JR, Ayrton. Breve história do rock. **São Paulo: Editora Claridade, Coleção Saber de Tudo**, 2007.

OLEQUES, Liane C.. Futurismo. **Info Escola**. 2016. Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/futurismo/>. Acesso em: 14 de junho de 2017.

OLIVEIRA, Ana de. Tropicália. **Identifisignificados Movimento**. 2017.

Disponível em: < http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento >.

Acesso em: 14 de junho de 17.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. **Análise social**, p. 139-165, 1990.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Soc**. São Paulo, v.18, n.3, p.371-381, 2009.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 15-24, 1997.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de educação**, v. 23, p. 103-118, 2003.

SIMÕES, José Alberto; CAMPOS, Ricardo. Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise Youth, social movements and digital networks of protest in times of crisis. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Jose_Simoes3/publication/312088478_Juventude_movimentos_sociais_e_redes_digitais_de_protesto_em_epoca_de_crise/links/586ed6a808ae329d6214d13b/Juventude-movimentos-sociais-e-redes-digitais-de-protesto-em-epoca-de-crise.pdf>. Acesso em: 08 de junho de 2017.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010.

WELLER, Wivian. **Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa**: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT14-5656--Int.pdf>

APÊNDICE

APÊNDICE A

Universidade do Estado do Pará

Centro de Ciências Sociais e da Educação

Curso de Pedagogia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Jovens do Rock: processos de sociabilidade e educação a partir da influência do estilo musical Rock.

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A colaboração, neste estudo, será na forma de Entrevista. Você pode desistir a qualquer momento e não haverá impedimento ou nenhuma espécie de prejuízo em função dessa decisão.

Muito obrigado (ou obrigada)!

A proposta em estudo consiste em realizar um estudo sobre os processos de sociabilidade, formação de identidade e educação a partir da influência do estilo musical do grupo de Rock, com jovens, em Belém, no ano corrente..

Objetivamos com esta pesquisa:

- Objetivo Geral

- Compreender o modo de ser do jovem ligado ao estilo musical do Rock, sua sociabilidade, formação de identidade e a influência em sua educação.

- Objetivos específicos

- Identificar o que é ser jovem no cenário do Rock na cena musical de Belém;

- Entender suas estratégias de socialização com os demais grupos sociais ligados a outros estilos musicais;
- Analisar os jovens ligados ao Rock e sua relação com a educação.

A pesquisa será de abordagem qualitativa, no qual o presente trabalho terá um enfoque fenomenológico, pois pretendo estudar o fenômeno da juventude e o Rock para conhecer mais suas maneiras de socialização e como o estilo influencia na sua educação, já que o estilo é carregado de significados e que moveu e move gerações inteiras até hoje, logo há a possibilidade de o mesmo alterar ou resignificar costumes do seu ouvinte. Em Belém do Pará.

No caso de alguma dúvida ou consideração os/as responsáveis pela pesquisa são Renato Passos Raiol da Conceição portadora do RG 5755770 e CPF 020703722-19, estudante do curso Licenciatura Plena em Pedagogia, orientada pelo professo Leopoldo Nogueira Santana Junior, docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA) situada na Rua do Una, nº 156, Telégrafo.

Garantimos a retirada do consentimento a qualquer momento, assim como o abandono de participação no estudo sem qualquer prejuízo. As informações serão analisadas e fica garantido o sigilo da identificação dos e das participantes.

Os e as participantes têm o direito de serem mantidos/as atualizados sobre os resultados que sejam do conhecimento das pesquisadoras. Não há despesas pessoais para os e as participantes nem compensação financeira relacionada à sua participação.

Estou ciente do compromisso das pesquisadoras de utilizar dados e o material coletado somente para pesquisa e que poderão ser divulgados em meios científicos (congressos, revistas, artigos, etc.) nacionais e internacionais. Declaro estar suficientemente informado (a) a respeito do que li descrevendo este estudo.

Sendo assim, declaro que estou ciente acerca de quais são as propostas do estudo, os procedimentos que serão realizados, as garantias de

confiabilidade e de esclarecimento pertinente a qualquer dúvida no processo de investigação.

Declaro também que tenho compreensão de que a participação nesta pesquisa é isenta de despesas, de compensação financeira e que não oferecem riscos morais, psicológicos, de vida e de saúde.

Eu, _____,
autorizo a utilização dos dados obtidos na realização da dinâmica acima citada, para fins científicos e educacionais, realizada pelo Renato Passos Raiol da Conceição, estudante do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, semestre oito, do turno matutino, ofertado pela Universidade do Estado do Pará - UEPA.

Belém, _____ de _____ de 2017.

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA JOVENS INTEGRANTES DE UMA BANDA DE ROCK.

ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA	
Entrevistador: Renato Passos Raiol da Conceição Entrevistado: Local: Data:	
Tema gerador	Objetivo
Você pode falar, sobre como você começou a interagir com a música e quando se identificou como roqueiro (a)?	Identificar, quais fatores sociais o/a influenciou a ter a preferência pelo o estilo musical rock.
Você pode falar, sobre os motivos que levaram você a ter o desejo a aprender a tocar algum instrumento ou a cantar?	Verificar a motivação que levou os jovens a iniciarem a terem um contato maior com a música.
Você pode falar, como ser roqueiro afeta nas suas relações sociais com demais grupos?	Compreender como sua orientação como roqueiro afeta suas relações sociais.
Você poderia falar, como teu olhar sobre a educação escolar como era antes e depois de se dizer como músico roqueiro?	Compreender como os jovens enxergavam e enxergam a educação.
Como é a relação com os pais ou teus responsáveis antes e depois de você entrar no mundo da música?	Identificar como o estilo do jovem é visto pelos seus responsáveis.
Há algum comentário que você gostaria de acrescentar?	Registrar se os entrevistados gostariam de acrescentar alguma informação ou algum relato.

APÊNDICE C: ENTREVISTA COM SAMUEL.

Samuel, 23 anos, guitarrista, formado em radiologia.

Já tô na música a uns 3, 7 anos, eu não conto, mas se eu contar 13, 14 15, 16, 17, 18... uns 10 anos.

Pesquisador: Você pode falar, sobre como você começou a interagir com a música e quando se identificou como roqueiro (a)?

Samuel: Pois é, é.... comecei a interagir com a música, cara! Desde moleque, com a minha mãe, meu pai.... eu sempre fui de ouvir rock em casa, né?! É.... Cazuza, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso. Sempre tive essa base musical, aí já fui me ligando com isso aí.... aí meu pai e minha mãe sempre falavam isso aí “Ah.... seria bom se tu fosse musico, né?! Que tu investisse em música, que tu gosta” e eu ficava sempre batucando nas coisas, tipo sempre tive aquela coisa de ficar vendo guitarrista tocando, baterista. Aí meu pai falou “Ah, vamo aprender a tocar bateria? Tu não tá afim?”. O primeiro instrumento que peguei foi bateria tinhas uns 11 anos por aí, 10... 11... aí comecei a tocar bateria, né?! só que eu não levava muito a sério ainda, porque não era minha praia mesmo, assim, hoje eu toco bateria, gosto muito de bateria, faz parte da... da... da... de como construir uma música, tem que tá com a base da bateria.

Então eu fui, comecei a tocar bateria com 10 anos, né?! Aí! 1 ano depois, né?! Aí... foi a mesma época que meu pai faleceu também, nessa época a gente tava na igreja, aí vi meu pastor tocando guitarra, falei “Pô, como é que ele tira aquele som? Como é que deve ser? Deve ser bacana esse som. Eu quero vê como é que é”, aí eu perguntei se ele me ensina a tocar e tals. Só que ai quando eu fui lá, já tinha um pessoal tocando e o cara falou “Ó, pra ti aprender tu tem que primeiro pegar o violão”, aí eu falei “Mãe! Quero aprender a tocar violão” só que eu não tinha violão em casa só baqueta, da bateria né?! Até hoje eu tenho essa baqueta, até hoje eu tenho minhas primeiras baquetas em casa. Aí.... eu fui, aí eu tinha meu primo que começou a tocar violão na mesma época, eu ia pra casa do meu primo vê ele tocar, ficava vendo e ele aprendendo e eu vendo falei “vou aprender então, é fácil é bacana” comecei a

fazer ali no meu braço, mano, pegava cabo de vassoura essas coisas comecei a imitar o que ele tava fazendo. E foi com um amigo do eu pai... na época, meu pai que tinha acabado de falecer, o amigo do meu pai chegou comigo e falou, né?! Éééé.... falou “cara, fiquei sabendo que tu tá aprendendo a tocar violão, vou te dá um violão. Tu tá afim?”, aí eu “Quero!”, aí eu ganhei com 12 anos, quase pra fazer 13, com 12 anos aí, ganhei o violão com 12 anos. Eu sabia meio que tocar, porque eu pegava com meu primo ia lá com ele, aí... já ganhei o violão e fui, aí tava fazendo 13, quase 13 anos, já tava bem adaptado no violão. Eu ficava tocando todo dia e treinava o dia todo, eu ia na casa do meu primo, ia encher o saco dele “cara, me ensina aqui” e ele “Ah, mano pega a revista o que tu não souber tu pode pegar aqui e tal” e eu ia em frente.

Passei por uma escola que tava tendo tipo, um.... hmm.... não era uma concurso, mas era tipo uma feira de música, ai.... tinha que apresentar uma música lá, aí falei “Ah, vou fazer né?! Vou vê se eu tenho essa vocação pra tocar” fiquei “Será que consigo tocar no palco com o pessoal olhando? Vou lá tentar”. Foi que eu tentei e cara, foi muito fácil. Eu me dei muito bem, comecei a tocar e o pessoal gostou, o pessoal de uma... de um.... os professores gostaram. Então a gente começou aah.... aah... aí eu comecei a andar com eles, digamos assim a ser convidado pra tocar com eles, ir em pizzaria “Ah! O Samuel, sabe tocar violão, vamo tocar aqui Samuel? Aquela música que tu tocou naquele dia” Porque, tipo eu já vim com uma base de música, digamos que MPB de casa, aí eu já começa a tocar essas músicas, aquilo que eu ouvia Legião Urbana, os pessoas cantavam e eu tocando lá, já fui pegando esse gosto pela música, ai fui levando, fui levando... aí.... com 15 anos de idade ganhei a minha primeira guitarra da minha mãe, aí já comecei a investir na parte da guitarra, do conhecimento da guitarra. eu já tinha muito conhecimento de violão então vou passar pra guitarra, começar a pegar guitarra. E na mesma época minha mãe me apresentou uma banda e falou “Olha aqui filho, essa banda Oficina G3”, pô, uma banda bacana de rock e eles tocam na igreja, né?! Tu conhece eles? Comecei a ouvir e me encantei pela banda e fiquei “Cara! Quero fazer um lance desse aí também, quero tocar guitarra que nem esse cara aí o Juninho Afram”, comecei a estudar sobre ele, tudo o que ele fazia, tudo que ele estudou, eu comecei a estudar também.... e foi comecei a estudar

guitarra, levando a sério mesmo tudo e.... e.... foi que eu nesse, mesmo ano, peguei minha primeira banda que era da igreja, começamos a tocar cover do *Oficina G3*, começamos a tocar, tocar... e ao mesmo tempo eu já tocava em bar, pra ganhar um dinheirinho a mais, eu já tocava em barzinho, ia pra barzinho tocar, né...?! Aí de feira de escola, passei pra igreja e provar.

Comecei a conhecer mais gente, fui tendo mais conhecimento em relação a música, né?! Como tocar tal música, como fazer isso e... e... sem ir deixando pra traz o que eu aprendi com minha família, o que eu falei que foi o carimbó, né?! Que eu já fui levando isso comigo, que eu já tocava carimbo é.... é.... é.... já tocava mpb, fui tocando de tudo. Com 16 anos, tocava um monte de coisa aí falei: “Quero isso aqui pra mim, decidi quero isso aqui pra mim, quero ser músico”. É.... não quero ser outra coisa.... posso até ser, mas eu prefiro ser músico. Aí tipo, começou a falar, comecei a tocar em bar e senti aquela dificuldade que todo músico passa, comecei a sofrer também pelas dificuldades, só não sofria tanto, porque digamos eu não tinha uma independência “Ah, eu moro sozinho”, morava com minha mãe ainda, então eu não sofria tanto assim, né?! É.... dificuldade. Então, eu, aí, já peguei uns trampos né?! Já saí da banda de MPB, tocava de vez enquanto eu ia... (inaudível)... aí já comecei andar pro lado do Rock mesmo, que era minha praia onde eu queria chegar, né?! Então com todo o conhecimento que eu tinha aí montei a primeira banda de Rock com 16 ou 17 anos e foi.... a gente começou a ganhar público pra caramba, comecei a botar todos meus conhecimentos na música, comecei a a a criar minhas próprias músicas, de tudo que eu tinha absorvido, comecei a fazer tudo e... aí sim, eu comecei a sentir o que é ser músico de verdade.

Égua cara, é difícil, é mano... é difícil essa vida, mas eu gosto dessa vida, eu tô gostando dessa vida, eu tô amando essa vida, essa vida de músico eu quero pra mim, é difícil mas eu quero, não é impossível. Aí comecei a me inventar na música, com o Rock, comecei a conhecer a galera do Rock, da cena de Belém. Aí também já fui com é.. 17, 18 anos por aí, já fui... comecei a passar por um monte de evento de Rock, na cena de Belém, que tava, digamos, no auge nessa época. E foi nesse mesmo ano, que eu tava no auge do Rock, bem reconhecido já, digamos, e... eu fui pra Goiânia, fui estudar pra

lá, fui trabalhar pra lá, radiologia, que ao mesmo tempo eu passei em radiologia, fui estudar e trabalhar pra lá. Aí eu meio que larguei um pouquinho a música, mas não tanto né?! Que eu tive que começar a arrumar outro emprego. Num bar! Comecei a trabalhar num bar em Goiânia. Aí comecei a conhecer a galera do sertanejo, né?! Do sertanejo universitário, que lá é febre. Aí falei: “Cara! Tô aqui, né mano?! Ainda não conheci o pessoal do Rock, ainda não interagi com ninguém que tenha uma banda de Rock, então eu vou participar disso, vou fazer isso agregar ao meu conhecimento, vou tocar isso”. Aí comecei a tocar sertanejo e fui....

Quando eu voltei pra Belém, eu voltei pra voltar com minha banda, né?! Aí voltei com minha antiga banda, aí já conheci outra galera que tocava forró. Aí pô dá dinheiro, minha banda, ainda não tá ganhando dinheiro, quero uma parada que dê dinheiro também, aí eu fui pro forró. Aí do forró já fui pro reggae, também. . . Aí já comecei a falar: “Cara! Eu tô andando, andando, dando a maior voltar aqui. Quero voltar pro Rock”. Foi que eu comecei a voltar, quando comecei a voltar foi quando começou as dificuldades de novo... foi, chegou numa hora que pensei “Cara! Não dá mais! Vou ter que investir mais na minha imagem de músico”. Aí.... foi que deu, como fala assim chegou numa hora que eu falei “Não dá mais pra ficar assim, vivendo de tocar de graça, vou investir em outra coisa”, vou fazer uma parada mais comercial, digamos, vou criar umas músicas pra.... não pra me agradar e só mostrar que sei tocar, mas pra agradar a galera. Já passei por tanta coisa e tudo que eu toquei, todo mundo gostou e eu tocava pro pessoas gostar, tocava forró, tocava reggae, porquê o pessoal gostava, então eu vou fazer a mesma coisa, tocar um Rock que a galera tá pedindo e veio *Hardcore*, só que minha antiga banda não tava afim de fazer isso, aí eu falei, então: “Já que eu tô fazendo sozinho vamo parar”. Aí foi que alguns integrantes saíram da banda, aí falei: “É mano.... eu vou para, vou fazer outra coisa”, aí falei: “Bom! Sozinho eu não fico”, sem banda eu não fico, todo mundo me conhece então, é... uma hora vai aparecer alguém . então na mesma hora que acabou a banda, eu falei: “Acabou a banda!”.

Divulguei pra galera que conhecia a gente e veio um cara, um amigo meu e me chamou: “vamo fazer esse lance, esse lance que tu teve a ideia do *Hardcore*, eu também quero fazer, mas quero fazer pra ganhar dinheiro, pra

viver disso, pra viver de banda, pra ser um artista mesmo que vive da música". – "É? Então vamo!". Foi que, que, a gente colou junto e tamo fazendo o que tamo fazendo hoje, a gente começou em 2016 e tamo em 2017 já, com carrão de sena, digamos assim e seguro na parada, justamente pela experiência que eu tive e conseguiu segurar, que a gente não chegou amador, a gente chegou novo, a gente não chegou amador. Então a gente tá segurando até agora entendeu. Então é.... minha vida de músico é tudo isso aí, muita coisa mesmo, cara. Passei por muita coisa assim, que é.... eu lembro e fico assim, cara.... é.... eu não mereço tá aqui, eu tenho que tá aqui mesmo? Eu não vou dá conta de fazer outra coisa? Eu não vou da conta? Sabe. Eu posso até fazer, mas eu não vou fazer com o mesmo amor que eu faço, né. Tipo, radiologia, eu gosto , eu gosto pra caramba de radiologia, eu sou formado, eu gostei do trampo, é um trampo bom, mas eu não vou fazer com o mesmo amor que eu faço a música, sabe?! Eu vou... eu passei por tudo isso, pra chegar uma hora e dizer "aaah... não vou mais fazer isso". Não! Eu vou continuar, tá dando tudo certo, cara, graças a Deus, tá indo tudo bem e.. comecei na música, com isso mano. Com.. uns 10 anos eu comecei a conhecer o mundo da música e com uns 13 anos eu comecei a viver esse mundo da música, né?! Que é sentir na pele o que é ser músico, é bom e pra quem gostar de música a dificuldade faz parte e o cara já entra sabendo que vai ser difícil ser reconhecido, ter um trampo bom né?! E.. ao mesmo tempo que ele sabe que é difícil, ele gosta do que tá fazendo e ele quer amar o que tá fazendo, que se ele não amar o que ele tá fazendo, ele não é músico e ele não merece tá ali, sabe?! É.. então é, essa é minha vida de musico e é que eu passo hoje em dia nas minhas músicas, de tudo que eu peguei, eu passo hoje em dia, né?! O que tem nas nossas letras hoje em dia, já até te falei, que as letras das músicas, das letras, dos temas que a gente passa pra galera, até conversando com ela também, a gente fala "mano, não desiste, é isso [...]".

Quando tem banda nova, a gente ajuda banda nova, tipo nesse evento que a gene foi de aniversário da banda, uma banda nova chegou com a gente e a gente falou "mano, vocês são novos, estreiante, vamo lá tocar com a gente, conquista nosso público também, façam nosso público ser o público de vocês também", porque é assim que faz a cena crescer aqui e em qualquer lugar,

né?! Por isso que tem muita, como falei pra galera, em Belém tá faltando isso a galera se unir de verdade, cujo o músico de qualquer etnia, de qualquer lado, tanto do forró, reggae, tudo que for música se unir e fazer acontecer. Porque de qualquer maneira o cara é, é, é a música é uma criatividade, ela é, é falo assim, ela é uma coisa que tu cria vivendo, tu não cria só passando por ela, tu cria vivendo ela. Então o cara que cria o forró, que faz o forró, que faz o sertanejo, que faz o carimbo, qualquer tipo de música, é.. ele tá vivendo aquilo ali, então o que faz tu passar aquela imagem, é tu viver e tu unir tudo o que tu tá vivendo, como eu fiz, entendeu?! Eu não fiz essa barreira, eu não tive barreiras musicais... eu não procurei ter barreiras ter barreiras “ah! eu faço o que eu gosto”, tipo, eu toco o que eu gosto hoje em dia, sabe?! Eu falei, como eu falo pra maioria pra maioria da galera que fala assim “tu é roqueiro, tu não gosta de tal coisa”, eu falo que eu não gosto de tal ritmo, mas eu já toquei. Eu não gosto de forró, eu não gosto de reggae, cara! eu tenho agonia quando eu ouço um reggae, sabe?! Mas eu já toquei eu já vivi esse lado, entendeu?! Então eu posso falar, eu já vivi, já passei por aquilo ali, em tão, digamos, que eu já sei o que é, eu falo “não cara, eu não gostei, mas eu fiz”, né?!

Porque eu, eu é escolhi fazer eu quero fazer e vou fazer, porque eu quero ser músico e tenho que passar por isso, né?! Se eu vou fazer música, então se aquilo faz parte da música, porque eu não vou fazer? Só por que eu não gosto? Entendeu?! Não, eu não gosto, mas eu vou fazer, porque faz parte da música, aquilo ali vai fazer parte de mim uma hora, então é, é, é.. eu não me dei essa barreira, né?! Eu tenho essa, essa... digamos, barreira de pessoal, eu não fico ouvindo em casa, mas tu me dá pra tocar, eu toco “- Samuel, dá pra ti fazer isso? – Vamo!”, “Samuel, toca aquilo pra mim? – Beleza, vamo lá!”, mesmo não gostando e tal... mano, mas... é música. Cara... eu quero viver aquillo ali, eu quero ter experiência, eu quero aquilo pra mim, tá ligado?! Aquilo vai alimentar o músico dentro de mim. O negócio, é ficar me privando de muita coisa, eu não vou sair do lugar, eu vou só viver aquilo, vou mostrar sempre o mesmo pra galera. Não, vou conseguir inovar as coisas, não vou ter criatividade porque eu não tô vivendo, né?! Tipo tu fazendo o trabalho da faculdade, eu tô aqui, falei “pô! Vou te ajudar”, faz parte tu tá falando de música, ao mesmo tempo que eu tô vivendo essa música, tu também tá

vivendo, entendeu?! Então a gente tá como falo assim, passando experiência um pro outro, passando experiência um pro outro, tô passando experiência pra ti daquilo que um dia tu possa viver também, tudo isso, tu tá começando a viver, tu tá vendo o que se passa na mente do jovem na música, no Rock e tu fala “oô! Se o cara passou por isso mesmo sendo roqueiro. Por que, eu não vou passar por isso mesmo não sendo roqueiro?”, né?! Ou seja tu tá vivendo tudo isso.

Então o que a gente prega muito na nossa música hoje em dia, é viver ela hoje, tu viver o que tu gosta, tipo um médico, um cirurgião, se ele não viver o que ele tá fazendo ali, ele não vai salvar uma vida, entendeu?! Se ele não se dedicar naquilo ali, se ele não passar por tudo que ele quer passar, mesmo ele não gostando, entendeu?! Tipo, eu usei um cardiologista, tipo eu conheci muito cardiologista, que fala que não gosta de fazer cirurgias em tais pessoas, de tal idade, mas faz porque tem que fazer e amo aquilo ali, mas se pudesse escolher escolherias só as pessoas que gosta, né?! Então trabalhar na cardiologia, também é o que o cara falou “eu não gosto de tirar raio-x de tal pessoa, de tal membro, de tal coisa”, é uma coisa simples, do gosto dele, mas ele faz porquê ele tá vivendo aquilo ali, entendeu?! Aí o engenheiro vem falar “não gosto de contruir shopping, eu gosto só de construir prédio e casa”, mas ele não vai falar que não vai construir, porque ele tá vivendo aquilo ali, ele gosta daquilo, porque ele tá vivendo aquilo ali, ele, daquilo, porque ele faz o que ele gosta e se ele faz o que ele gosta e se ele faz o que ele gosta não importa pra ele se ele gosta ou não, ele vai fazer, porque ele tá vivendo, entendeu?! Ele tá sentindo aquilo ali, então tudo que tu faz vivendo e amando, cara.. tu faz bem, tu passa por aquilo brincando, de boa, sabe?! Então é por isso que eu passei por tudo, por todo tipo de gênero, hoje em dia sei tocar tudo, porque eu escolhi passar e eu gostei muito de ter passado, mesmo eu não gostando de alguns ritmos, eu gostei de tocar.

Só de conhecer a galera que goste, saca?! Tipo, como eu te falei [...] Dj, pô, é, é poder tocar funk, mano. Dj de funk, eu num gosto de funk também, acho que a maioria dos roqueiros não gosta de funk, até zoam por isso, né?! A gente, tem meio que essa rixa com o funk, eu não tenho, mas eu não gosto de ouvir, quem gosta de funk eu não tô nem aí, escuta teu funk. Cara, a gente é

amigo, é brother, é, mas eu não gosto de escutar, mas tu escuta, né?! Bom! Então tu gosta disso, ajuda os cara que tu gosta, entendeu?! É, é, investe mesmo tu, tu gostando de funk então ajuda, ajuda essa, essa, esse mundo do funk, né?! Então foi o que falei “Poxa, né?!”. A galera, eu via o Dj tocando par galera do funk e toda a galera pirando lá, eu fiquei “caramba! Bacana”, entendeu?! Ela tá fazendo uma coisa, tipo, eu perguntei se ela gosta de fazer isso e ela “eu não gosto de funk”, mas ela falou assim, uma frase bem engraçada “pagando bem, que mal tem?!” e eu falei falei que ela ta fazendo uma coisa, tipo ela é Dj... de coração, ela tá se entregando ali, ela tá fazendo aquilo ali e ela tá... tipo... ela tá precisando de dinheiro, digamos assim, né....? tá passando por aquilo, “pô! Vou ganhar uma grana, mas vou fazer meu melhor aqui, mesmo não gostando disso aqui, mas eu vou agradar essa galera que tá curtindo aqui, pra essa galera voltar aqui”, entendeu?! Pra essa galera, é.. alimente esse ideia na cabeça deles, né?! Mesmo não gostando, mas eles gostando vou fazer de um jeito deles gostarem mais, né?! Porque o preconceito ele sempre machuca as pessoas... de qualquer jeito, de qualquer lado musical, quanto de gênero, de sexualidade, de tudo, de qualquer coisa, então ela fala assim “então, eu vou fazer, me pagando, eu vou fazer meu melhor”, foi que eu pensei quando eu tava iniciando na música, eu vou fazer o meu melhor, mesmo não gostando, vou fazer o meus melhor, eu vou fazer o que eu gosto, que eu amo, que eu amo tá aqui, então amo a música. Tipo eu sei que ela gosta daquilo ali, da música de ser DJ e DJ, como eu falo, ele tem é, é, é, ele vai ter que passar por isso também,né?! Ou seja, “ela toca, só música eletrônica?”, não! Ela passou pelo funk também, ela fez com amor, o mesmo que ela faz com a música eletrônica, ela deixou de lado pra fazer isso aqui, mas eu tenho aquilo ali ainda, entendeu.... então eu vou... vou ter que passar por aqui ainda, eu vou ter que passar porque faz parte do meu mundo, não tem como eu pular, entendeu?! Eu vou passar, mesma coisa que o cara falar “-Tem como fazer um funk na guitarra? -Tem sim mano. “Tu consegue fazer aí pra mim? – Consigo” e eu vou ter que fazer aquilo ali porque faz parte da música, faz parte do mundo, então é, é, é isso que é passar pra galera entendeu?! Dos jovens hoje em dia, fazer tudo com amor mesmo não fazendo parte do que tu gosta pessoalmente, mas fazendo parte do teu mundo, faz com

amor brother, vai indo entendeu... tanto na faculdade, quanto na vida, a assim é,é, trabalhando ou não, faz tudo com teu melhor.

Pesquisador: Como tu começou a ser visto como músico roqueiro pela sociedade e pela família?

Samuel: Logo no começo, eu tinha aquele apoio da minha mãe de aprender a tocar algum instrumento: “Não meu filho, tem que aprender violão”, aquela coisa meio de mãe, de aprender a tocar que é bonito, mas quando comecei a entrar, né? A viajar tocar em bar, ela já não, ela deu, tipo, parou um pouquinho de, de, de me apoiar, porque, tipo assim, até hoje eu encarno nela, falei: “Mãe, tu é ,mercenária, quando não dava dinheiro tu não gostava, quando dava dinheiro tu gostava”, e ela fica rindo até hoje disso, tipo, mas ela falava assim pra mim: “Faz uma coisa, que tu tenha uma recompensa boa, não vai pelos outros, não vai porque alguém te falou pra ti ir”, ela falou assim pra mim, acho que foi isso que ela falava porque não apoiava e porque eu ia, eu não ia por empolgação, mas pra ela eu ia por empolgação, sabe... não eu ia porque gostava mesmo, eu queria tá ali, eu queria fazer parte, mas ela não entendia, tem essa parte que minha mãe não entendia e eu falei: “- Não mãe, eu quero fazer isso! – Mas eu quero que tu estude, vá fazer isso, estude pra ser músico. – Não! Tô fazendo radiologia e eu não quero estudar pra, entrar na faculdade de música, não penso em fazer isso, porque eu não vou ter o que eu ganho, o que eu tô ganhando hoje eu não vou ganhar numa universidade, mãe eu acho que eu não vou ganhar” e ela “Não, tem que pensar nisso[...]”, é nessa parte que ela não me apoiava, porque eu falava pra ela “Mãe, eu não vou fazer uma faculdade de música porque, eu não vou gostar... porque eu vou ser privado, eu não vou ter a mesma liberdade que eu tenho agora, de conhecer esse mundo da música como eu quero conhecer, de qualquer maneira vai ter uma hora que eu vou me privar, é eu não estudei isso aqui... eu vim até aqui só, não tem como eu passar pra cá”, ou seja, vão criar uma barreira em mim e eu não quero que criem essa barreira em mim, mas falam pra eu experimentar.

Tanto que eu fiz a UEPA, com 16 anos eu fiz a UEPA. Passei na UEPA, só que eu não curti, cara! Porque, era só música erudita, sabe... eu cheguei a

pegar música erudita pra caramba, porque é meu treino hoje em dia na guitarra, é com música clássica, né?! Bach, Beethoven, sabe.. eu, eu, escuto essas músicas e, e, e tento passar pra guitarra, como eu te expliquei, né?! Hoje em dia, o meu treinamento, são assim, meus treinos... né?! Aíí, eu falo assim, que não é assim que eu quero, eu quero guitarra, eu quero, quero violão, eu quero bateria e eu quero algo que eu vá, sabe, fazer parte desse mundo do Rock, né?! Aí falei, não quero, eu parei tranquei e falei "Não parei, eu não tô sentindo, não tô legal, vou acabar me decepcionando com a música em si e eu não quero fazer isso comigo, eu não quero carregar isso", foi que eu saí.

Aí então quando eu saí.... cara! A maioria da minha família, tipo, meio que... me julgaram "Aaaah, o Samuel, não quer nada com a vida, não quer nada com nada" e minha mãe, tipo, ao mesmo tempo que ela concordava, ela discordava, ela falava "Meu filho tá fazendo o que ele gosta, uma hora ele vai dá certo", né...? Chegaram a me chamar de vagabundo "ah! Porque roqueiro é vagabundo", "roqueiro é drogado", tanto que eu nunca usei droga, graças a Deus. "Ah! roqueiro é drogado", "é isso e aquilo". Nunca fui viciado, né... eu sempre trabalhei, sempre estudei pra caramba, me formei em radiologia, me formei como o melhor da turma, o melhor em florence, me formei como melhor em músculos, em, em, em primeiro socorros, né. Ganhei um monte de diploma, certificado. Porque eu me dediquei, fiz o meu melhor ali, eu falei: "Não! Já que tão me chamando de vagabundo, eu vou mostrar pra eles que não sou. Vou fazer meu melhor, como eu faço na música eu vou fazer na radiologia também", foi que eu também me apaixonei pela radiologia, também. Como eu te falei, eu gostei muito da radiologia, porque, foi um trampo legal..... mas aí tipo, é, por um tempo da minha vida eu não tive é, apoio da minha família, sabe?! Eu sempre era criticado por ser roqueiro, até pelas minhas vestimentas, pela galera que eu andava, pelas as festas que eu ia de rock e os shows que eu ia. Eu era criticado, até hoje assim eu sou criticado pelo meu estilo de vida, né. Pelo meu estilo de vida, pelo meu jeito de andar, meu jeito de falar, né?! As coisas que eu ouço, tipo eu não tenho essa privacidade, privacidade, não é privacidade, é eu não tenho essa liberdade de ouvir o que eu ouço na minha casa, tipo na minha família, em casa eu ouço, tipo eu com minha mãe, eu ouço

meus rocks louco lá, meio satânico, que falam, eu escuto o meio satânico de boa.

É.., mas assim quando eu tô com minha família tia, tio, primo assim, eu não ouço sabe? Eu não ouço justamente pra não assustar, sabe. Eu respeito essa galera, mas ao mesmo tempo assim eles não me respeitam, sabe? Se eu botar uma música eles falam “Ah! Tira essa música daí coisa de louco”, “Só gritaria”, sabe? Aí não posso falar do forró, do reggae, do pagode que eles ouçam, eu num, eu num, justamente pra não, pra não, como é que fala assim, é pra não prolongar essa discussão, digamos assim. Hoje em dia eu já me acostumei já, chego lá com minha família, fico lá de boa, tranquilo, mas eu não falo da minha banda só quando me perguntam, eu não falo de show nenhum, eu não de música nenhuma, não falo de nada com eles. Porque, eu, é.. não que eles vão me criticar, mas é porque é, é eu criei essa barreira, eu falei: “Eu não vou comentar. Porque eu acho que eles não merecem saber e eles talvez não querem saber”, então eles não precisam saber, né?! Porque, todo tempo eles não queriam saber o que eu ouvia, como vou mostrar pra eles o que eu faço da minha vida? A única que eu mostro é minha mãe, só! “Mãe! Aconteceu isso comigo”, “minha banda vai tocar tal dia”, “mãe! A gente vai fazer exibição hoje”, “mãe! A gente vai viajar”, “mãe! A gente tá com clipe novo”, “mãe! A gente tá com isso”, “mãe! Vendemos camisa da banda”, sabe? Ela é a única que compartilho.

Porque, ao mesmo tempo eu entendo que é minha mãe, ela tenta me proteger do preconceito da família que tem, que da minha família eu sou o único que sou roqueiro, sou o único, único, sério brother eu sou o único, que foi pro mundo da música e que tá no rock, a maioria é tudo acadêmico já, faz faculdade, faz aquilo, faz tudo, que pra mim não é nada, né? Pra mim isso não diz nada, ééé, isso não eleva ninguém, pra lugar nenhum, eu digo que diploma e vida acadêmica, não formam pessoas, não formam seres humanos, né?! É a vida sim a vida o que tu escolhe pra ti viver, o que tu escolhe pra ti colher, né? O que tu escolhe tipo, cara, não, eu fiz música, mas eu quero isso pra mim quero viver daquilo, tipo, eu tenho um brother que faz engenharia, mas a vida dele é o artesanato, sabe...? Ele faz cordão, ele faz vaso, sabe...? Ele faz coisas que tu não imagina, ele faz..... cara, ele é um gênio no artesanato,

sabe? Um gênio, ele é um artista total, mas ele faz engenharia. Então, é dessas pessoas que eu tiro, falo “Pô! Tu não faz o que tu gosta velho, então esse diploma não vai dizer o que tu é, de engenheiro, tu vai ter só um diploma, vai ter só aquilo”, tipo minha mãe, meio que, então nesse caso, eu, eu, eu, vivo desse jeito, sabe?! A minha, tanto que minha mãe, me defende nessa parte, né?! “Porque, meu filho escolheu ser músico, mas o resto da minha família não é e também ao mesmo tempo eu concordo com eles, do meu filho se esforça pra entrar numa faculdade, ao mesmo tempo também eu cuido do meu filho pra ele continuar na música, no sonho dele”, né?! Porque, se fosse meu sonho tá numa faculdade eu taria lá a muito tempo. Porque, eu dou conta de passar, eu dou conta de fazer. Ano passado eu fiz a prova da UFPA, de música, eu dei conta de fazer tudo, eu consegui fazer tudo, tanto do ENEM, o ENEM tirei de letra o ENEM, porque, geralmente a galera fala que o roqueiro é vagabundo, não estuda. Não! Eu estudo pra caramba, pra gente fazer a música que a gente faz hoje em dia, eu tenho que tá estudado, tenho que tá com a cabeça atualizada, digamos assim. Então eu falei “Mas eu não quero, eu não quero passar, eu não quero entrar aqui. Porque, eu sei se eu entrar aqui eu vou atrasar tudo que eu quero, eu não tô passando por necessidade eu não to precisando de nada e isso daqui não vai me dá nada, não vai me dá um trampo, uma vida boa”, talvez até atrapalhe meu sonho, digamos assim, então eu não quero, sabe?! Tipo, eu consegui passar, eu consegui entrar, mas eu não quis, porque não era o que eu quero pra mim. Tem gente que faz, cara passa eu fico muito feliz, sabe?! Com minha irmã... sabe?! Com a Luciana (nome fictício da namorada dele), tipo eu fico muito feliz, eu ajudo quem precisa, tem gente que vai comigo e pede ajuda em matérias que eu sei.... biologia, matemática é, é, é, sobre radiologia, eu ajudo pra caramba. “Mano, tu vai passar”, “vamo fazer isso”, “vamo fazer aquilo”, mas não é o que eu quero pra mim, mas se a pessoa chegar comigo eu ajudo ela chegar lá. Cheguei com minha mãe e falei “mãe, eu num quero, num quero chegar, num quero entrar ali” e mais uma vez eu fui rejeitado pela minha família “eras! De novo tu não quis”, “tu não vai ter nada”, “não sei o que”. Não! Eu tenho tudo hoje, eu tenho o que eu quero, finalmente eu tô vivendo o que eu quero, eu to vivendo que eu escolhi, então como é que eu não tenho nada? Né?! Você não sabe nada da minha vida, eu tenho o que eu quero e eu to muito feliz com o que eu tenho

hoje em dia, né?! Eee, tanto que eu falei assim pra minha tia “Tia! Eu conheci metade do Pará, em 1 ano de banda, com a minha banda eu viajei metade do Pará, eu conheci..... sem precisar ter o diploma que a senhora tem”. Então, eu não entendo porque isso tava atrapalhando minha vida, foi isso que eu escolhi pra mim viver, foi o que eu escolhi ora minha vida, então eu quero viver isso aí, eu quero, quero ter essa, essa vida, eu tô amando essa vida, eu amo essa vida, nunca vou deixar de ter essa vida.

Então, tipo assim, é.. então eu sempre tive esse meio, que... coisa da minha família, sabe? Algumas coisas eu lembro, que tinha umas brincadeiras comigo, sabe? “Não chama o Samuel, porque ele é roqueiro”, “O Samuel, fica trancado no quarto dele”, eu nunca passei por isso, de tá trancado no meu quarto porque eu escuto rock. Não, sempre fui extrovertido com todo mundo, eu sempre tive aquele... não reconhecimento da minha família, sabe? Até hoje eu tenho, mas tipo, até que, que, a maioria não hoje em dia, tão vendo, alguns me acompanham na minha vida virtual e falam “égua, tá legal Samuel. Eu tô vendo tua banda tocando, caramba tá legal”, “primo, tua banda tá legal”, é.. “filho, caraca! Tua banda tá legal”, sabe? Tipo, hoje em dia é... tem uns da minha família que sentam comigo e falam “como é que tá tua banda?”, “conta aí como é que foi o show?”, “mostra o som da tua banda”, eu fico “é legal”. Tipo eu não tinha isso na minha família, minha mãe, até minha irmã eu nunca forcei ela ir pra show, pra nada, aí a minha irmã, a mais novinha que vai, ela gostô da minha música, ela gostô da minha vida, ela falou “égua, legal! Gosto de ir pro teus shows, eu gosto de tá no meio daquela tua galera, é legal, todo mundo é unido, todo mundo é amigo, eu me sinto bem ali”, eu fiquei muito feliz, poxa minha irmã tá reconhecendo o que eu tô fazendo, a minha mãe também, ela vai pros shows, ela escuta a música, mas assim eu conto nos dedos, sabe? As pessoas da minha família que me apoiam, tipo eu tenho um tio por parte de pai que me apoia muito, ele me apoia assim em tudo, tanto na parte financeira quanto na parte emocional, sabe?! Ele é aquele cara que apoia, que pergunta e é de ligar pra saber se teve show na semana, se a guitarra e os cabos estão bons e se quer investir no som. E isso também me ajuda muito a seguir em frente porque, ter o reconhecimento de outras pessoas que são da tua família, é legal e de pessoas que tu não conhece, nunca viu na tua vida vem falar

contigo, falar que gostou da tua música, que tua música melhorou a vida dele, que ele canta tua música todo dia, no chuveiro, onde ele for tá ouvindo tua música, é, é, foda mano, tu sentir isso, de uma pessoa que tu nunca conheceu, mas é melhor ainda quando tu conhece a pessoa e ela reconhece que tu é um cara legal, tu é um artista, tu se esforça, né? Reconhece o que tu passa, então é muito legal ter da família, da minha mãe eu tenho e eu entendo o lado dela querer me proteger e ao mesmo tempo querer me ajudar, me proteger pra eu não errar.... pra não escolher um caminho que eu vá me decepcionar e ao mesmo tempo ela me apoia nesse caminho e fala pra tomar cuidado. Então tendo isso da minha mãe tá tudo bem.... como te falei são poucas pessoas que me apoiam em casa, eu conto nos dedos, se importam com minha vida que tenho, que não é fácil, mas eu que é boa, eu gosto muito de tá nessa vida.

Pesquisador: No caso, quando tu iniciou no rock tu sofria preconceito?

Samuel: sim, sim, na verdade a gente sofre, o roqueiro até hoje sofre preconceito, pra todo mundo roqueiro é viciado, vagabundo, não faz nada, mas em certo ponto a maioria é tudo vagabundo, tem uns caras que estragam cena, que num eram pra tá ali, sabe? Mas cara, a maioria, todos que eu conheço fazem parte do meu ciclo de amizade... são pessoas boas, são pessoas, que são família, são irmão, são pais, são mães, são pessoas que amam o que fazem, que correm atrás, que vivem de verdade o rock.

É o que eu sempre falo, o rock faz parte das nossas vidas, dessas pessoas, faz parte porque todo mundo já passou por uma faze de roqueiro, todo mundo já se vestiu de preto, todo mundo já pintou a cara, já ouviu todo tipo de banda, pra tá o que é hoje, as vezes a pessoa nem é o roqueiro. Eu já conheci muita gente que hoje em dia que tu vê “égua mano! Tu não tem nada a ver com o que tu era antes”, mas que passou pelo rock e mostra que o rock faz parte da vida, sabe?!

Tanto que aqui no Brasil, eu lembro que é, é, eu tocava Legião Urbana e não sabia as músicas, eu só tocava antigamente, quando comecei a ver a história do Legião Urbana, eu vi que era um protesto pela ditadura, sobre a ditadura e que eles transformaram em rock, né?! Olha aí, pô! O rock fez parte, entendeu? [...] a gente até brinca hoje em dia com os outros gêneros, a gente

brinca assim de uma maneira saudável, né? Não ofendendo ninguém... a gente brinca assim “O rock é o único gênero que tem dia, não tem dia do forró, não tem dia do funk [...]” não tem, mas tem o dia mundial do Rock, olha tá vendo, ou seja o Rock faz parte do mundo, então tudo hoje em dia vem do Rock, né? Dos Beatles, né? Veio do indie, blues, o Elvis, eles não vieram do forró, eles vieram do rock, viveram aquilo ali. Tipo hoje em dia tu vê muitos gêneros criados, que vieram do Rock. A guitarrada hoje no Pará, ela saiu do Rock, entendeu?! Ou seja, o rock faz parte da nossa vida, o Rock traz a emoção, aquela vida, o movimento, tu sente aquele rock loucão.

Eu tenho um brother, que ele falou que não gosta do som da nossa banda porque, é muito barulhento, mas gosta de ouvir pra malhar e outro que fala que não curte, mas escuta de vez enquando um pra ficar de boa tranquilo no quarto, escuta um Guns and Roses, Bom Jovi e eu falei pra ele que é diferente de mim, eu não escuto um forró pra ficar de boa em casa, não consigo brother, é rock que eu ouço, eu tenho rock pra todo tipo de emoção que sinto, na minha mente no meu coração e tu também tem um rock pro teu coração e nós roqueiros não trata isso como preconceito, com o gênero musical “Ah! tu é funkeiro, tu não presta”, “Ah! tu é forrozeiro, deve ser aqueles cachaceiros da Jhon Jhon”, então eu não falo, porque eu vou falar do cara? Eu vou definir ele, pelo o que ele escuta? Eu não, a gente não faz isso, entendeu?! É por isso que a gente, nossas músicas que a gente escreve hoje em dia, a gente se preocupa muito em escrever alguma coisa que não ofenda ninguém, sabe?

Escrever coisa que a galera escuta e até quem não é roqueiro fale “essa música é legal”, “não é só barulho”, né? Aí, tanto que essa camisa que tô agora da banda Surra, tu já ouviu o nome Surra? Tu já vê “Que banda é essa? Deve dizer só porcaria que deve falar”, é uma banda que fala sobre o que acontece no nosso país, o que a gente sofre, tipo essa camisa diz tudo “Escola Estadual Surra”, eles falam do que acontece nas escolas hoje em dia, né? Que tem cara roubando merenda das escolas, aqui atrás (ele se vira e mostra o desenho na costa da camisa) “Hora da merenda” e aparece um cara com cara de mal. Eles falam sobre isso, eles têm um contexto histórico, eles não falam só porcaria e não só por causa do nome da banda que a galera já tem um preconceito com o

rock aí vê o nome da banda já piora tudo, Surra, “Banda Surra deve ser um cocô”, entendeu?! “ah, não deve ser legal não”, quando o cara vai ouvir, não então para pra ouvir, tu vai gostar pra caramba, é muito boa, são músicas rápidas e o cara fala de tudo que acontece no Brasil, de tudo que acontece tanto política, quanto violência nas ruas, violência policial, violência de traficante, ele fala dos dois lados, ele não tem um lado, ele fala de tudo, entendeu?! Por isso que é Surra, é uma surra de todo mundo, todo mundo apanha, entendeu?! Ele não favorece um lado, ele favorece um lado da humanidade, ele não favorece o lado do pobre do rico não, ele favorece o lado da humanidade, do ser humano, né?! Do que o ser humano pode ser, uma coisa boa... entendeu?! Com um nome desse a pessoa fala não vou ouvir, mas quando o cara vai ouvir a música fala do ser humano ser uma pessoa boa, né?! Então é isso que a gente faz no rock hoje em dia.

Tanto que a minha banda Depois da Queda, a galera pergunta “por que Depois Da Queda?”, aí eu vou explicar e é porque eu vim de muita queda, caí muito na minha vida de musico e todo mundo na banda já passou por uma banda que não deu certo, por algo que não deu certo e a gente tá dando certo... ou seja, a gente tá vindo depois da nossas quedas, ou seja depois da queda. Então, é, a gente tá se levantando depois da queda, a gente tem uma base pra falar a gente não fala só aleatoriamente as palavras “Ah! Porque rock é isso e foda-se”, não a gente quer mostrar pra galera o que é ser um roqueiro, viver o rock, né?!

Ter uma vida de roqueiro, a gente escreve isso na música, as bandas que a gente ouve também, então a galera sempre tem preconceito, a galera sempre vai agir, não adianta isso nunca vai mudar, nunca vai mudar a gente sabe disso até a galera parar pra pensar, parar pra ouvir, todo mundo ouvi ao mesmo tempo e pensar do mesmo jeito e não tem com o pensar do mesmo jeito, né?! A mesma coisa é.. não é nem só o rock, tudo na vida tem seu lado bom e seu lado ruim, né? Tipo a pessoa que gosta de rock e a que não gosta, a pessoa que é gay e outra que não, a pessoa que é pobre e a outra que é rica, entendeu? Sempre vai ter esse empecilho da humanidade, da sociedade, porque isso tá na história, tá na raíz, digamos, do mundo, porque não é só aqui no Brasil é no mundo todo é preconceito, é violência, mas a gente tenta mudar

aos poucos mostra nosso lado, mostrar nossa mente. Tanto quando o pessoal me viu nas fotos lá em Brasília, eles me perguntaram se eu era de esquerda ou de direita... e eu respondi que não era de nenhum dos dois, que eu tava lá pra fazer barulho, pra dizer que eu tava insatisfeito com isso, eu não escolhi um lado pra dizer que eu tava pra esquerda ou pra direita, eu vim aqui pra lutar, eu to aqui pra fazer barulho e apoiar a luta. Mas toda vez me perguntam quando vejam as fotos se sou esquerda ou direita e teve uma vez que me viram com a camisa de uma banda que eu gosto muito, que sofre até preconceito pela galera que eu ando, que é *Worst*, que é uma galera digamos assim muito sem censura, eles falam de todo tipo de gente, de todo tipo,né?! Eles não privaram ninguém, tudo o que eles não gostam na pessoa branca, preta, tudo e eles falam muito de ódio não sei o que.. e eu vinha até com uma camisa deles escrito “Ódio” atrás e outra que eu vesti lá em Brasília dizendo “Vivemos em mundo de seres piores que cobras”, né? E eu levei essa camisa dizendo que vivemos num mundo assim, é verdade. Só que a galera não aceita, tá errado isso aí e eu falo muito isso, tipo hoje em dia “não, essa banda me mostrou muito hoje em dia, o que é confiar nas pessoas”. Porque, eu ouvindo essas músicas a gente aprende, né?! São umas músicas bem pesadas, se tu for ouvi ouve na manha, sabendo o que tu vai ouvir, os cara falam mesmo e os caras falam “eles são nazistas”, “são extremistas”, não, eles não, eles só falam a verdade na cara sem ter medo de preconceito, eles falam na cara, falam de falsos amigos, de, de, de traição, de, de, estuprador, de aborto, sabe?! Eles falam de tudo isso lá, só que eles falam de uma maneira bem pesada, sem censura, então a galera que não sabe ouvir acaba não gostando e eles falam tudo na cara e tudo que é na cara doí, né?! E eu gostei muito dessa banda, fui pro show deles, converso com eles hoje em dia, os caras são ótimos músicos e tu vê conversando com eles que eles não são daquele jeito, eles criaram um personagem pra eles dentro da música.

Porquê a música é assim, tu é um artista tu escolhe ser um personagem ou não, né? Tipo eu no palco, sou diferente do que tá aqui, sou o que tá tocando, curtindo a vibe, sendo casa cheia ou não, eu quero fazer meu melhor ali e os caras falam “Cara! tu é loucão!” e eu saio dali, sou um cara de boa, tranquilão, sabe? A gente cria um personagem, porque somos artistas e a

gente mexe com nossa imagem, querendo ou não a gente mexe com nossa imagem e hoje em dia nossa imagem é tudo também, né?! Então esse aqui são eles, né?! Eles tocam músicas pesadas, mas aí tu vai conversar com os caras, são totalmente família, sabe?! Pai de família, criam os filhos deles super bem e os caras falam que eles devem criar seus filhos super mal, porque eles só falam de ódio, raiva, fala o tempo inteiro aquilo, nãoo, eles são de boa.

Então, tipo, é isso que eu também tento passar pra galera a gente faz nossas músicas, a gente tá agora com uns projetos novos de falar do que a gente passou desde sempre aqui no Brasil, né? Desse histórico mesmo e essa terra na verdade não era nem nossa, era de outros caras aqui, né? Na verdade a gente é fruto de uma união forçada, de um abraço não bem aceito, né? Um abraço falso, a gente tá falando muito isso nas nossas músicas, nós fomos enganados, foi um abraço falso, né? Foram falsos amigos com a gente, né?! Pros que estavam aqui primeiro, a gente quer falar isso pra galera, a galera vive tanta coisa que acaba esquecendo o que viveu... então é por isso que a gente quer falar isso pra galera, pra ela não esqueceu o que viveu, pra mudar a cabeça no futuro, pra ter sim, digamos, um pensamento digno pra falar “não, aquele brother ali é uma pessoa legal, ele merece também ser respeitado, porque a muito tempo fomos desrespeitados, fomos invadidos, fomos roubados” né? Mas por que não pensamos naquilo ali? Por que esquecer? Né? Pra viver de boa hoje em dia? Temos shoppings hoje em dia, tem casa, tem carro, “- Ah, tá legal tô bem pra caramba. - Tu tá legal, mas tem cara que não tá bem brother e aí, tu não vai da pro cara lá? tu não vai parar pra ajudar o brother, se ele tiver precisando de alguma coisa? Ou tu só vai chegar lá e levar tudo que ele tem que nem fizeram antes? Só pensar no teu umbigo, pensar na tua cabeça?”. Então isso tem pessoas que não gosta de ouvir, mas a gente quer falar isso nas nossas músicas.

No último Ep, que a gente fez, a gente falou muito da galera se esforçar ao máximo, fazer o que gosta, né?! Correr atrás fazer o seu melhor, que o céu é o limite, sabe?! Que não tem barreiras, que tu quer fazer não tem barreiras, sabe? Te cria, te inova, sabe? Te reinventa se puder, começa do zero de novo, não importa, tu não precisa de ninguém, sabe?! Faz sozinho, se precisa de ajuda faz com um amigo de verdade, busca a galera que vai te ajudar. A gente

feztudo isso no nosso Ep, mas a gente quer mudar, né?! Fazer uma parada bem mais pesada, pra galera sacar o que aconteceu, né? Porque, digamos assim, que a galera comece a falar “Poxa, rock também é cultura”, “Rock também é vida”, já que a gente tá falando disso, o jovem hoje em dia no rock, eu te falei, as vezes o brother aprende muito mais no show, pode até aprender muito mais no show do que num colégio, não desmerecendo a escola “Ah! porque escola não presta”, não cara, escola é muito boa, mas as vezes o cara aprende a ser mais ser humano ouvindo uma música boa, lendo uma música boa, vendo algo bom, né?! Então, a gente quer passar isso pra galera... né? Que tem como ser melhor, tem como ensinar a galera a gente boa, gente importante, tipo não desmerecendo sua classe, mas que é importante de qualquer maneira, entendeu?! Preto, branco, amarelo, sabe?! Tipo, não importa a cor, mas que tu pode chegar num show se sentir bem e sair dali, caramba vou mudar alguma coisa, entendeu?! A gente entra nos shows hoje em dia, tipo o show do Surra, a gente vai nos shows das bandas que a gente ouve hoje em dia e fica assim “caraca, eu quero fazer isso”, tu escuta lá e fica tipo “é mesmo, que mancada você tá dando” e eu aprendo com as músicas, ne?! Por que não posso ensinar uma pessoa, com minhas músicas? A gente também quer mostrar isso pra galera, fazer isso acontecer de verdade. É difícil, até hoje tá difícil pra caramba, mas a gente chega lá.

Pesquisador: Você deseja acrescentar mais alguma coisa?

Samuel: Não! Pode ser... cara! sobre também a parte assim que a gente fala sobre as músicas.... como o rock né? É que, a gente sempre tá tentando se atualizar, sempre tá tentando mudar alguma coisa, como eu te falei, sempre tentar fazer algo sem ofender ninguém. Então, a gente tá buscando muito isso é.... pegar conhecimentos como te falei históricos, né?! Atuais, hoje em dia. Pô! A gente tá passando um perrengue hoje em dia no Brasil, que é até difícil.... comentar as vezes, dá logo uma raiva em todo mundo e mostrar também que o roqueiro ele é revoltado sim, mas ele é um revoltado consciente, entendeu?! Nossa revolta é a mesma da galera, a gente vive no mesmo país.... é, que a gente é isso, roqueiro é revoltado, ódio! A gente é isso, a gente é mesmo, a gente é da maneira correta, a gente tenta passar tudo o que a gente pensa em relação a sociedade, porque a gente passa também mó preconceito, como todo

mundo, como qualquer um passa hoje em dia, não tem um que não tenha uma vida normal, não tem um que não passe por um preconceito hoje em dia, todo mundo passa, todo mundo tem um... não um trauma, mas sempre quando tem um, um, uma pedra no caminho, passou por uma pedra, a gente se revolta também com isso, a gente quer mostrar pra galera, né?!

Pra galera aprender que a arte, ela é, ela não é pra ser só repassada, ela é pra ser vivida, é pra viver a arte de todas as formas, como falam “é pra viver o amor, de todas as formas”, cara, sem amor, sem viver, sem arte, sem amor não existiria arte. Então se tu fazes uma coisa por amor, mesmo que seja uma carta aquilo ali é uma arte, entendeu?! Que tu tá vivendo, viver a arte, entendeu?! A nossa vida é uma arte, mesmo com dificuldade, entendeu?! O que tá acontecendo no país hoje em dia, a gente vive uma arte, é.. então todos nós somos artistas, então todo mundo é capaz de mudar, não só a si mesmo, mas como o próximo, que nós vamos falar muito nas nossas músicas e.. é isso, acho que é isso.

APÊNDICE D: ENTREVISTA COM JUNIOR.

Junior, 18 anos, guitarrista, aluno de licenciatura em matemática.

Pesquisador: Você pode falar, sobre como você começou a interagir com a música e quando se identificou como roqueiro?

Entrevistado: Cara! Eu.. bom.. posso dizer que isso veio de família, meu pai ele sempre curtiu rock, ele mais a parte nacional e minha mãe mais aquela coisa internacional, né?! Então eu... por viver mais com minha mãe, moro com ela, fui mais pra parte dela no caso. Eu comecei com Nirvana e tal... Logo de cara comecei a tocar violão e isso daí já puxava o gosto musical, só queria saber de tocar Nirvana, Legião Urbana e tal.. principalmente Nirvana. Aí eu fui evoluindo ganhei minha guitarra elétrica e tudo mais. Minha mãe sempre, sempre, fui acompanhado pela minha mãe ou pelo meu pai, então.. quando eu saía pra algum evento era sempre com eles, hoje em dia já saiu mais sozinho.

Pesquisador: Como se deu a identificação como roqueiro? Foi dentro dessa época?

Entrevistado: é... eu nunca parei pra pensar assim “Pô! Eu sou roqueiro”, o pessoal via... porque, quando tu curte uma banda, tu começa a vestir as camisas da banda e o pessoal fala “Pô! Tu é roqueiro”, tanto que tô deixando o cabelo crescer, aí o pessoal já... essa, essa, minha identificação veio das pessoas que me viam dessa forma. Não.. eu nunca parei pra pensar dessa forma de me vê como um roqueiro, mas pode se dizer, né?!

Pesquisador: Como tu começou a ser visto como músico roqueiro pela sociedade e pela família? Sofreu algum tipo de preconceito?

Entrevistado: Ah! não digo preconceito assim... mas, é as pessoas te veem diferente, porque não é mais um estilo pode se dizer, que todos curtem, né?! Então são poucas as pessoas que gostam de rock.. principalmente de metal, aí as pessoas meio que estranham, mas da minha família nunca teve algum tipo de barreira para que eu ouvisse algum tipo de música que eu gosto, principalmente porque, minha mãe sempre foi ligada com a música então.. nunca tive esse problema na família, entre os amigos também, sempre teve

aquelas brincadeiras e tal assim... meu amigos eles curtem rock, mas não são como eu curte mais assim.. a fundo as coisa e tals.... e.. é, não preconceito nunca tive, nuca sofri.

Pesquisador: Como ficou as relações com as pessoas ligadas a outro estilo musical?

Entrevistado: Essa relação pra falar a verdade, eu...eu me distancio dessas pessoas assim, por exemplo, forró eu não sou muito fã, mas no caso não é porque eu quero me distanciar da pessoa, é porque realmente não temo como chegar na pessoa, porque realmente curte um outro estilo de musica, então se tu for conversar sobre música com a pessoa não vai sair nada daquela relação. Já a parte do reggae, por exemplo, eu gosto um pouco de reggae, então... se eu fosse me relacionar com alguém que goste de reggae... a minha tia, ela curte reggae, a gente conversa um pouco, não é meu estilo, mas a gente tem uma comunicação a respeito de música. E na verdade eu, eu... num gosto de forró mas nada contra, tem melodia, tem suingue né e tudo mais, não agrada meus ouvidos. Tanto forró quanto merengue, é esses outros ritmos.

Pesquisador: Como começou o interesse para tocar algum instrumento?

Entrevistado: minha principal inspiração de princípio, foi o Kurt Cobain do Nirvana, (inaudível), assisti o show através do meu pai, gostei pra caramba... aí... ele tinha um violão, ele tava aprendendo a tocar ainda e ele falou “eu não tenho tempo filho” e passou pra mim, me deu o violão dele. Aí peguei lá passei uma meia hora, tentando pega o solo de (inaudível) *war* e consegui, vi que me identifiquei com aquilo e não consegui mais parar de tocar, assim no primeiro ano, no primeiro ano que comecei a tocar violão, depois não parei mais de tocar, deixei dá calo... e... Kurt Cobain foi minha inspiração, depois Jimi Hendrix, gosto muito de Jimi Hendrix e Angus Young do AC/DC, tô sempre tentando tirar os solos do AC/DC e tal... acho que essas foras minhas primeiras inspirações Angus Young, Jimi Hendrix e Kurt Cobain.

Pesquisador: Como a educação ficou vista depois do teu ingresso no Rock?

Entrevistado: eu vejo da seguinte maneiro, eu acho que.... o Rock, bem como qualquer outro tipo de música, música mesmo! Porque tem certas coisas que não tem melodia, então a gente não pode considerar como música. Eu acho que todo tipo de música, ela vai te ajudar a ter um tipo de percepção diferente do mundo, mesmo porque tu acaba... tu acaba exercitando tua mente de uma maneira, principalmente no Rock, emocional então.... tu acaba tendo uma visão diferente de mundo e.. muitas vezes quando tu entende a letra, assim, tu segue o que, tu percebe o que o autor, o musicista quer passar pra ti com aquela letra e é claro que tu vai saber diferenciar o que é cômico e o que não é cômico, porque dentro do Rock, por exemplo o Kiss tem muitas partes, todas as letras, aliás todas as letras do Kiss são cômicas, algumas românticas e tal, então eu acho que todo mundo que é fã de Kiss sabe fazer essa diferença do cômico do Kiss e o romântico, algo mais sério.... Eu acho que o Rock me ajudou a ter essa percepção de mundo assim... mais ampla, digamos assim, mesmo porque é um estilo que te liberta né, cara? então, acho que é isso.

Pesquisador: Como ficou a visão da educação formal?

Entrevistado: eu acho que eu filtro de uma forma que... de formas diferentes, né? Porque, nós temos vários professores, alguns tem uma tendência mais tradicional pro conhecimento, assim independente da área, no ensino médio tive diversos professores de história, alguns tinham uma abordagem mais, é... eles davam uma ideia assim pra ti, é... meio que, como posso dizer tradicional e outros da ideia de libertação, mesmo do exemplo do Rock o tanto que ele foi importante, voltando no Elvis Presley, que ele se mexia de uma maneira que influenciava as pessoas a mostrarem o que sabia, mostrarem o que haviam de si dentro delas.... então eu acho que a maneira que eu via a educação era assim, o Rock me influenciou dessa maneira, eu meio que... filtrava a informação do professor tradicional, mas a visão dele não me influenciava, eu não via o mundo do jeito que ele via, mas é claro as informações que ele me passava sabia que eram pertinentes. E é dessa forma que o Rock me influenciou na escola e de um modo geral.

Pesquisador: como era a relação com teus pais antes de entrar numa banda e como ficou depois?

Entrevistado: a banda de metal, quando eu entrei na banda que eu tô agora, meu pai me apoiou bastante, inclusive ficou bastante empolgado, o primeiro show que a gente teve, o primeiro evento que a gente tocou, aí ele chamou a galera, ele faz parte de moto Club, chamou a galera todinha e tal... e levou equipamento da galera, da gente, nosso equipamento pra confraria onde ocorreu o show, então ele ficou muito empolgado assim, acho que era um sonho dele, acredito que seja um sonho dele de tocar numa banda ainda, aí ele meio que passou isso pra mim, ele me vê tocando numa banda, ele se sente orgulhoso porque, era algo que ele queria pra ele e passou pra mim, assim como o violão também, a mamãe também, apoio total ela foi também lá e curtiu a parada, a mamãe é um pouco mais crítica que o papai..., mas crítica na questão de... de música mesmo, não na questão de barreira dela te por barreira “Porra! Não essa música é demônio”, não sei o que, não tem essa parada, com ela é mais crítica a respeito da técnica mesmo, seja ela vocal, da banda, como é que tá o som e tal... é isso.

Pesquisador: Como é ser jovem na cena musical do Rock em Belém?

Entrevistado: é porque, o cenário de Rock aqui em Belém, é o seguinte não é que seja só jovens, não importa a idade da galera, todo mundo se sente jovem ouvindo Rock e eu tenho amigos assim, de 40 anos, 45 que curtem Rock comigo, amigos da mamãe, do papai, que os 2 vão junto comigo pra eventos. Então a gente meio que se sente igual, não tem essa diferente de idade, porque o metal faz isso contigo, é meio que uma honra pra ti, tu ter um amigo mais experiente de banda, porque ele foi em show de bandas que tu nem tinha nascido, né? Shows que tu não poderia ir porque, tu era de menor, como esse por exemplo do Iron Maiden (mostra a camisa), essa aqui é a camisa do papai, ele que foi. Aí é isso, tu vai absorver a experiência das pessoas que estão e sempre estiveram lá e procurar fazer o teu... porque é sempre bom tu ser autônomo na tua música e mesmo como ouvinte procurar bandas novas, pra apoiar o cenário atual, sempre tem que ter algo novo pra ti sempre poder manter o rock vivo.

Pesquisador: Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Acho que não... isso que eu falei por último é muito importante, as bandas daqui sentem falta disso da galera, que a galera do Rock meio que negligência essas bandas assim que mostram algo novo, dizendo que aquilo não tem nada a ver com metal e não sei o que, claro que a gente nunca vai abandonar o metal que tá na nossa identidade, mas a gente acrescentando coisas, novas ritmos novos, sem perder o peso, sem perder a essência, eu acho que isso fortalece o metal, ele não deixa o metal morrer, o Rock morrer a final de contas é isso é sempre inovação foi daí que surgiu o Rock, o metal... é isso.

APÊNDICE E: ENTREVISTA COM O ALEXANDRE

Alexandre, 18 anos, baterista, graduando em licenciatura em história.

Pesquisador: Você pode falar, sobre como você começou a interagir com a música e quando se identificou como roqueiro?

Entrevistado: Eu fui cristão, da Assembleia de Deus durante, até meus 17 anos, então meu contato com música era constante e tals, eu tinha alguns tios que tinha um grupo de música gospel... e tinha um tio meu especifico, o tio Walber, que ele gostava muito de Rock e ele gostava de uma banda de rock gospel, que era a Oficina G3. E ele começou a me levar pros shows... quando eu ainda tinha, sei lá, uns 11 anos, 12 anos... aí comecei a ir, depois ele foi me apresentando outras bandas e eu fui ouvindo... e aí eu comecei a ter gosto por Rock.... é.. mas.., eu só voltei a tá mais ativo mesmo, já depois de ter saído da igreja, porque, até eu sair da igreja eu estudei música durante um tempo na igreja, depois no Carlos Gomes, mas só que eu tocava clarinete, mas clarinete é um instrumento que não tá muito, não tem muito a ver com rock, metal, então... eu praticava mais com jazz, música clássica, com gospel. Então quando eu saí da igreja, eu já tinha afinidade com a bateria, eu já tinha parado de tocar clarinete, tava fora da igreja... aí comecei a treinar mais bateria e em 2015 comecei a tentar desenvolver um projeto de banda, só que não deu muito certo, aí no final de 2015... é.. lá em Icoaraci tava surgindo umas bandas no cenário de rock psicodélico e entre essas bandas, tinha uma banda que era a Velhos Cabanos. Aí no final de 2015 lá em Outubro, fui numa apresentação da Velhos e vi e achei muito bacana o som dos caras e quando foi em Dezembro, inicio de Dezembro, é! Inicio de Dezembro mais ou menos, o baterista deles saiu ... e ai eles anunciaram lá por Icoraci, que eles estavam procurando baterista e tal... e ai um amigo meu, passou meu número pra um dos membro da banda deles, aí eles fizeram o teste comigo, aí final do ano, já em Janeiro de 2016 eles me chamaram e eu entrei na banda, aí já com a Velhos comecei a ter um envolvimento com o Rock muito mais intenso. Porque, eu tive que realmente estuda já Rock, comecei a ouvir outras coisas do Rock, conheci mais da cena de Belém por ir tocar em eventos e aí acabei conhecendo mais gente. Ano passado a gente participou de um evento bem grande que teve, que foi o

Woodstock Festival, que teve cerca de 12 banda de Belém, bandas muito antigas, inclusive como Vinho Laranja, Álibi de Orfeu, então.... eu já tinha um contato próximo com Rock bastante, mas entrar na banda me fez conhecer a cena de Belém me fez ter um contato maior ainda.

Pesquisador: Como tu ficou visto pela tua família depois do ingresso no Rock, tu eras incentivado?

Entrevistado: Não... é assim , porque como eu falei, eu saí da igreja faz 3 anos, então dentro do âmbito da Assembleia de Deus, principalmente que ainda é uma igreja um pouco fechada e tal... ainda há muita restrição com o gênero Rock. O Rock ele ainda é mal visto, sempre relacionam com coisas satânicas e tudo mais, é.... e eu sofria retaliação porque, era o estilo que eu mais gostava, antes de eu tocar clarinete e conhecer mais sobre jazz, música clássica, era o estilo que eu mais gostava (Rock), a banda que eu mais gostava era o Oficina G3, que era uma banda gospel, mais de Rock e metal... na minha igreja, era impensável que se tocasse Oficina G3, porque era Rock. Então com relação a minha família... eles tinha um pouco de entrave sim... e tanto, que eu toquei por um tempo no Carlos Gomes, eu saí pra tocar na banda da igreja... tocava no colégio com os amigos, mas quando eu entrei pra uma banda, tocando bateria, tocando em evento não sei o que... aí já pesou porque é um evento de Rock, porque aí já pode rolar de tudo, drogas e não sei o que, gente doida, gente se batendo... só que eu fui, então meus pais sempre tiveram um pouco de receio e tal, é mais por parte da minha mãe, o meu pai ele teve uma juventude... uma boa parte da juventude dele a parte dessa “moral cristã”, então ele conhceceu bastante essa parte de Rock, assim gostava de ouvir... ele tinha uns discos, eu não sei o que aconteceu com os discos, ele disse que sumiu... mas ele tinha discos, ele gostava de ouvir, mas é assim, por parte da minha família... eles, hoje em dias eles aceitam mais, porque eles veem que é uma coisa que eu gosto mesmo, é uma parte importante da minha vida e tal, mas apoiam, porque eu gosto, não porque eles gostam.

Pesquisador: Como a sociedade começou a te ver, depois que tu entrou no estilo do Rock?

Entrevistado: Olha, preconceito em si, de forma evidente, não percebo. É, mas parece que pra gente, as outras pessoas parece que a gente, não fede, mas a gente também não cheira, mas a gente acaba “fendendo” um pouco mais porque, enquanto a gente tá ali fazendo ok, mas parece que... eu sinto das pessoas que parece que eles sempre querem uma brecha pra falar, falar que, é coisa de adolescente, que é imaturo, que não é algo sério, que é algo que vá levar a lugar nenhum e eu acho isso muito doido, porquê, sabe, durante muito tempo da minha vida eu tive um pouco desse pensamento, eu tive um pouco... tipo eu não conseguia imaginar..... tipo um músico..... sei lá, um pianista, de uma orquestra, eu não conseguia ver ele num nível de um guitarrista de uma banda de Rock. Parece que o músico erudito é sempre o mais elevado, estudou não sei o que, não sei o que, tudo bem que músico erudito a pessoa tem que estudar pra caramba... mas depois que parei pra olhar assim, que dentro do Rock, tem muitos músicos, que são absurdos, são gênios mesmo, a gente que tá na academia a gente sabe, que tem conhecimento cientifico e popular, então tem caras que nunca entraram numa escola de música, mas desenvolveram uma aptidão musical absurda, uma sensibilidade musical, que eu sei que muita gente dentro dos conservatórios nunca vai ter. Então, as pessoas, elas olham as vezes meio torto, mas elas nunca botam pra fora, acho que ano passado depois que teve o Woodstock, a gente ficou em segundo lugar no festival... aí teve uma matéria no dia do Rock, inclusive e saiu no *Liberal*... aí saiu foto da banda, uma entrevista do nosso guitarrista e aí todo mundo muito orgulhos, não sei o que, Velhos Cabanos, o pessoal de Icoaraci, porque era uma banda de Icoaraci, representando tudo mais... mas parece que, é as pessoas que estão de fora cena, elas só se orgulham quando tem esses momentos assim, só reconhecem a gente quando temos uma notoriedade tudo mais, mas quando a gente tá fazendo, deixa eles aí, as vezes olha torto, mas não é uma coisa que pra eles é tão agradável assim.

Pesquisador: Como ficou tua relação com pessoas que são ligadas a outros estilos musicais que não seja o Rock?

Entrevistado: Uhum... é... por exemplo, eu tocava na igreja, tocava numa orquestra lá na igreja, tocava clarinete e de vez enquanto tocava bateria. É...

engraçado que, o pessoal jovem que eu conversava lá, depois de um tempo saí da igreja e entrei pra uma banda, “Ah, to numa banda” não sei o que tocando “Ah! legal, qual é o estilo?”, aí eu falei “Rock, progressivo, psicodélico”, tipo no nível técnico, conversar sobre teoria musical e tal e tudo mais, principalmente com o baterista conversa bastante... continua a mesma coisa... parece que os músicos em si, é falando no caso da igreja, que é com quem que fora do meio do Rock, é com quem eu tinha mais contato... eles eram até mais de boa, mas as pessoas que eram da igreja, mas não eram músicos, eles já não viam tão bem, porque é aquela mesma mentalidade, banda de Rock, evento de Rock, droga, doidera e tudo mais. Os músicos em si viam com menos preconceito do que os caras que não eram músicos, foram isso, não mudou tanto.

Pesquisador: E a relação com a educação, seja ela no meio formal e no informal, como ela ficou?

Entrevistado: Eu acho que, é.... eu entrei na UEPA, pra fazer o curso de história, eu entrei em 2014, no final de 2015 eu entrei na banda, então no ensino médio, eu tinha uma visão sobre educação, quando entrei no curso eu já tive outro e eu acho que o próprio convívio com a música... acrescentou outros por menores acerca da variabilidade do ensino, é... eu acho que até culturalmente, me abriu mais, porque eu percebi por exemplo que... lá em Icoaraci eu tava estudando movimento musical, em especifico o Carimbó, mas a história de movimento na cena de bandas, tem uma história antiga e assim como a história do Carimbó, só que pouco gente sabe, mas a do Carimbó ainda é mais fácil das pessoas saberem porque é bem mais cultural, então as pessoas tem bem mais contato e ouvem aqui e ali, das banda as pessoas não conhecem nada, mas faz parte da história. Então comecei a pensar, quando a gente estuda história tradicional, a gente sem estuda os impérios, os reis, as nações e comecei a pensar assim “cara! tem gente se formando no ensino médio e o cara sabe mais da história da Inglaterra do que do distrito que ele mora” então comecei a pensar em como eu poderia levar essa história, essa micro história, né? Que é também muito importante, porque tudo bem a gente tem que estudar história do Brasil, “história mundial”, entre aspas, é porque também conta pra currículo, conta pra prova de vestibular, seleção, mas o

currículo de história também é formulado com base de que você vai formar pessoas, vai forma cidadão, então ele deve ter direito a ter acesso a sua memória. Então a história regional da cidade, a história do bairro também importante porque você tem que se conhecer, a partir do momento que você conhece onde você vive você conhece sua história. Então quando eu comecei a ter mais contato com a música e perceber como as pessoas conheciam pouco, poderiam saber de músico, mas não sabiam da história da música, que faz parte da história de onde você vive, eu pensei “tem alguma coisa errada, as pessoas deviam saber mais disso” e isso me fez pensar que o ensino ainda é muito... restrito e pouco acrescenta pra formação de uma identidade cultural, a identidade cultural é pouco vista e se você não entrar pra um curso de ciências humanas ou sociais, é muito pouco provável que você vai ter acesso concreto a isso.

Pesquisador: teus pais sempre te incentivaram com a questão da música?

Entrevistado: assim com relação a música em si, de um modo geral meus pais sempre me incentivaram, assim... na igreja era muito comum, na igreja a questão da música sempre é muito importante.... e na igreja eu era uma pessoas muito proativa e chegou um tempo que eu comecei a cantar e então eu cantei é... participei de peça, apresentações de diversos tipos de coisas na igreja eu sempre tava no meio. Chegou um tempo que uns dos caras que coordenavão a orquestra da igreja falou com minha tia dizendo que deveria aprender teoria musical e eu já cantava... eu tinha uma afinidade musical, então ela falou com meus pais, meus pais me incentivaram aí eu fui e estudei. Enquanto eu tava no âmbito da igreja de ser um bom músico e tals, mas.... eu fiz musicalização na igreja e no Carlos Gomes fiz 1 ano e minha vontade era ser professor de música... mas aí entra na questão social, eu nunca fui uma pessoa de condições financeiras muito... é... confortáveis, então pros meus pais de eu tá entrando numa carreira que é muito complicado ter uma estabilidade financeira, que não é nada fácil como professor de música, não é nada fácil, não agradou muito eles. Depois de 1 ano estudando musicalização no Carlos Gomes, depois em 2012 passei uns meses estudando clarinete e música no Carlos Gomes, depois eu saí, porque eu já fazia o PRISE e os meus

pais encasquetaram na minha cabeça que eu tinha que fazer medicina e comprei a ideia... e aí ficava essa competição em me dedicar pra música e estudar pro vestibular e acabei indo focar no vestibular. Então enquanto era uma coisa (a música) formal dentro da igreja ok, mas quando passava pra minha vida eles não gostavam.

Pesquisador: como tu começou a ser visto como roqueiro?

Entrevistado: eu lembro meu ensino médio, no fundamental não tinha muito contato, mas no ensino médio eu tive outros amigos e eles gostavam de ouvir Metal, Rock e com eles que eu fui conhecendo mesmo banda e tals, bandas assim que sei lá, que são tão comuns de ouvir tem gente que nem ouve Rock, mas sabe quem é Nirvana e não tinha ideia de quem era Nirvana, foi aí que eu comecei a ouvir e conhecer e eu me denominava roqueiro porque eu gostava e era o estilo que eu mais ouvia e pra quem tava de fora, porque as pessoas que não tavam no meio, eu ainda era da igreja e quando eu falava assim “ah! Sou roqueiro gosto de Rock”, as pessoas ficavam “aí meus Deus”, parecia que eu tava entrando pra uma ceita, tu não pode fazer porque tu vai se perder, não sei o que, não sei o que. Só que não tinha nada a ver, só que dentro da igreja tinha esse pessar de eu não tava aderindo a um gosto musical, mas uma série de conjuntos que iam de contra aos valores e moral cristã e... com relação a família meus pais sempre souberam que gostava de Rock, que eu ouvia minha música e tals, minha mãe não gostava porque achava que era só barulho “tu nem sabe o que eles tão falando, tá tudo em inglês”, minha família via assim... se importavam mais com o conteúdo com o que a música tinha a oferecer, mas fora eles que eram mais adultos que tinham uma formação mais madura, o pessoal da igreja que era mais jovem não via questão do conteúdo e sim a, é... que esse estilo tava ligado a tendências morais do que saudável pra qualquer pessoa... só que eu saí da igreja perdi contato com essas pessoas e a minha família é... viu que eu não mudei, continuei estudando e estudando música quando dava... e fica por isso.

Pesquisador: gostaria de acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: quando a gente estudou uma disciplina no curso que era sobre metodologia do ensino... é... a gente viu que existia várias formas de

associação do ensino com outras de conhecimento e outras formas de artes... eu sempre tive, fiz questão de associar com a música, só que eu percebi que era curioso, porque quando você vai estudar sobre história musical ou fazer essa associação de história e música, é muito difícil do Rock aparecer, muito muito muito difícil... e eu só consigo pensar em um conteúdo em que o Rock aparece minimamente, até porque ele é muito explicito, que é quando a gente vai estudar ditadura militar e anos 80, que os caras tavam lá fazendo, os caras que faziam críticas da época e tudo mais... mas é... por exemplo se a gente for estudar história do Rock nos Estados Unidos, se fosse dá um conteúdo de Estados Unidos e falasse sobre o Rock, o Rock é de origem negra, é tão importante quanto o hip hop ou quanto o samba pra gente, é uma música negra, de origem negra. Então eu acho que muito do preconceito que se fez sobre o Rock, hoje em dia é muito mais aberto com certeza, mas ele ainda é muito permanente e eu acho que muitos aspectos culturais são perdidos, quando se começa a ver alguns estilos como validos e outros como... é... distorcidos ou sem valor cultural e eu acho que a partir do momento que a gente conseguir ter uma educação que possa olhar pra esses estilos que tão marginalizados, ter tanto valor cultural quanto os que estão valorizados eu acho que teremos uma formação cultural, muito mais sólida, muito mais abrangente e muitos menos preconceituosa... e é isso.

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Tv. Djalma Dutra, 156 – Telegrafo
66050-540 Belém – PA
www.uepa.com.br